

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Estados Expandidos de Consciência e Promoção de Saúde Integral:
Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual de
ayahuasca

Patrícia Medronha Soares

Pelotas, 2018

Patrícia Medronha Soares

Estados Expandidos de Consciência e Promoção de Saúde Integral:

Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual de
ayahuasca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia da Faculdade de
Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da
Universidade Federal de Pelotas como
requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Míriam Cristiane Alves

Pelotas, 2018

Patrícia Medronha Soares

Estados Expandidos de Consciência e Promoção de Saúde Integral:
Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual de
ayahuasca

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 02/08/2018

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves (Orientadora).
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa
Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof^a Ma. Cláudia Cardoso Goulart
Mestre em Ciências Sociais e Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas

**Dedico este trabalho a todas as relações que me
fazem crescer diariamente.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Todo, à Fonte Criadora.

Agradeço à minha mãe, Olga Medronha Soares, e ao meu pai, Itamar Lemos Soares, por me darem todo o apoio, suporte e força sempre que precisei. Agradeço também ao meu irmão, Iuri. Vocês me ensinam todos os dias. Obrigada pela compreensão.

Obrigada ao dirigente do grupo e à sua esposa, por terem facilitado este trabalho, e a todo o grupo, pelo acolhimento e aceite na participação do mesmo.

À minha orientadora, Miriam Alves, pela paciência e compreensão. À minha revisora Flávia.

A todos os meus amigos e amigas, que acompanharam de diferentes formas a realização deste processo e que se importaram comigo em algum momento. Tirza Medeiros, Arthur Tedesco, Mariana Lopes, Milena Wrague, Luiza Eloi, Denis Caneshiro, Silene Ribeiro, Cláudia Goulart, Liziane Mastrantonio, todos vocês foram importantes em momentos diferentes e participaram do meu processo com este trabalho e da minha vida. Em especial, Flora Proiette, você foi fundamental nesse último ano. Obrigada por me acolher em vários momentos. Amo vocês todos imensamente.

Agradeço a todas as minhas colegas de trabalho na Remodelle, especialmente à Aline, minhas chefes, Jaque e Raquel, e às minhas clientes.

Agradeço aos colegas da turma, todos os professores, o curso de psicologia e à UFPEL.

RESUMO

SOARES, Patrícia Medronha. **Estados Expandidos de Consciência e Promoção de Saúde Integral**: Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual de ayahuasca. 2018. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Ayahuasca é uma bebida psicoativa amazônica, considerada sagrada por muitos grupos, a qual tem despertado nas últimas décadas intenso interesse da comunidade e pesquisadores. O crescente aumento do acesso aos rituais de ayahuasca e a fundação de grupos ayahuasqueiros em países fora da América Latina levanta questionamentos a respeito dos efeitos dessa planta psicoativa na saúde e na vida das pessoas. O presente estudo objetiva compreender de que modo o uso ritual da Ayahuasca contribui para a promoção de saúde integral em um grupo de praticantes no interior do estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada por meio de rodas de co-labor com o grupo e entrevista semiestruturada, utilizando a análise textual discursiva. O estudo enfatizou a compreensão e efeitos das redes de cuidados, construídas dentro do grupo de ayahuasqueiros em suas práticas rituais, situadas dentro das novas expressões de espiritualidade da Nova Era. Diante disso, verificou-se que a vivência coletiva no uso ritual do chá funciona como dispositivo de autotransformação, resignificando o modo como a pessoa enxerga a si mesma, o que impacta o modo como vive, suas relações e a vida como um todo. Desta forma, constatou-se que essas vivências promovem aspectos que contribuem para uma saúde e visão integral da vida do indivíduo.

Palavras chave: ayahuasca; uso ritual; saúde integral; co-labor

ABSTRACT

SOARES, Patrícia Medronha. **Expanded States of Consciousness and Integral Health Promotion:** health promotion processes in a group of practitioners of ritual use of ayahuasca. 2018. 91f. Graduation Work (Bachelor of Psychology) – Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

Ayahuasca is an Amazonian psychoactive beverage, considered sacred by many groups, which has awakened in the last decades intense interest of the community and researchers. The growing increase in access to ayahuasca rituals and the establishment of ayahuasca groups in countries outside Latin America raises questions about the effects of this psychoactive plant on people's health and life. The present study aims to understand how the ritual use of Ayahuasca contributes to the promotion of integral health in a group of practitioners in the state of Rio Grande do Sul. The research was carried out through circles of co-labor with the group and semi-structured interview, using the discursive textual analysis. The study emphasized the understanding and effects of care grids built within the ayahuasqueiros group in their ritual practices within the new expressions of New Age spirituality. Thus, it was verified that the collective experience in the ritual use of tea functions as a device of self-transformation, refraining the way the person sees himself, which impacts the way he lives, his relationships and life as a whole. In this way, it was verified that these experiences promote aspects that contribute to a health and integral vision of the life of the individual

Keywords: ayahuasca; ritual use; integral health; co-labor

SUMÁRIO

1	Introdução	8
2	Ayahuasca e a eficácia simbólica em rituais neo-xamânicos	10
3	Trajetos para a aproximação do sensível	14
4	A produção de ressignificações e a experiência coletiva	17
5	O processo grupal e subjetividades	19
6	Busca espiritual e desenvolvimento pessoal	22
7	Considerações finais	25
	Referências	27
	Apêndices	31
	Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido	32
	Apêndice B – Os Rituais	34
	Apêndice C – Transcrição de Dados coletados	40

Estados Expandidos de Consciência e Promoção de Saúde Integral: Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual de ayahuasca

1 Introdução

O presente artigo aborda alguns aspectos acerca de como os estados expandidos de consciência, mais especificamente induzidos pelo chá de ayahuasca, dentro de um contexto ritual coletivo, podem promover saúde de maneira integral. O estudo foi realizado com um grupo de praticantes do uso ritual de ayahuasca no Rio Grande do Sul, que tem como característica uma expressão de espiritualidade eclética, a qual é situada dentro do movimento religioso da Nova Era (MAGNANI, 2005; CAROZZI, 1999).

A ideia de estados expandidos ou ampliados de consciência foi inaugurada por Raph Metzner (1994) e é caracterizada por um alargamento do foco perceptivo. No entanto, pode-se encontrar outras terminologias, tais como estados holotrópicos (GROF, 1985) e estados alterados de consciência (LUDWIG, 1966).

Em estudo realizado por Metzner (1994), são comparados os estados ampliados com os estados contraídos de consciência, que são produzidos pela natureza fixa e repetitiva dos vícios. Segundo o autor, estes últimos se opõem à transcendência, a qual envolve uma expansão da consciência, podendo chegar a experiências visionárias ou místicas, as quais podem ser produzidas por meios endógenos ou exógenos, isto é, no último caso, com o uso de substâncias psicoativas ou alucinógenas.

“O termo alucinógeno possui uma carga pejorativa, razão pela qual Humphrey Osmond e Aldous Huxley, em 1960, cunharam a expressão psicodélico, ou seja, "manifestação mental", que foi popularizada por Timothy Leary” (METZNER, 1998, p. 2). Posteriormente, os pesquisadores Górdon Wasson, Albert Hofmann e Carl Ruck apresentaram o termo enteógeno, atribuindo-lhe maior ligação com a dimensão

espiritual (HOFMANN; RUCK; WASSON, 1980). Já a expressão psicointegrador, é mais recente, tendo sido criada e defendida por Winkelman (2001).

Winkelman (2001) refere que o psicointegrador não está carregado de dogmas ou tendências, designando os efeitos sistêmicos e sociais dessas substâncias na experiência humana, uma vez que estimulam processos mentais e emocionais dentro de uma experiência pessoal e espiritual integradora. Contudo, neste trabalho será utilizado o termo enteógeno, cuja etimologia significa “Deus dentro”, isto é, plantas ou substâncias que “levam o divino dentro de si” (HOFMANN; RUCK; WASSON, 1980, p. 235) e que são capazes de promover ou facilitar o acesso a experiências transcendentais e religiosas, de cunho místico ou espiritual (METZNER, 1994).

Deste modo, no estudo, são enfatizados alguns aspectos que, juntos, contribuem para a promoção da saúde integral de pessoas que fazem o uso coletivo de enteógenos, dentre os quais destaca-se os estados expandidos de consciência, que implicam em um alargamento do foco perceptivo, onde o indivíduo pode vivenciar experiências visionárias (METZNER, 1994); os estados performáticos do ritual, que, por meio de uma experiência de interconexão corporal e sensorial unificada, criam uma atmosfera em que o poder persuasivo da cerimônia ativa processos endógenos de cura integral (LANGDON, 2013); e o compartilhamento coletivo durante os processos rituais, que agem como dispositivos transformadores da personalidade individual e das relações sociais através do aprimoramento da integração dos significados simbólicos psicológicos, sociais e cosmológicos da ayahuasca entre os participantes (WINKELMAN, 2001).

A ideia de tratamentos que desenvolvem a saúde integral com o uso de substâncias que promovem estados ampliados de consciência não é nova dentro da psiquiatria e psicologia. Países como Estados Unidos, Canadá e outros da Europa, já realizaram pesquisas com tais substâncias para o tratamento de dependentes químicos nas décadas de 1950 e 1960, as quais duraram até meados da década de 1970, por conta da pressão política da época (LABATE; CAVNAR, 2014). Nos últimos anos, esse campo do conhecimento voltou a ter destaque e o volume da produção acadêmica sobre o assunto, nas mais diversas áreas, tanto da saúde quanto das ciências humanas, vem reiterando a necessidade de estudos e discussões sobre outras possibilidades de cuidados e tratamentos em saúde.

No Brasil, há uma crescente disseminação de grupos ayahuasqueiros, onde as relações coletivas se mostram presentes no processo de uso ritualístico. Este estudo se debruça sobre as redes de cuidado construídas pelos grupos de ayahuasqueiros em suas práticas rituais e processos subjetivos, compartilhados no coletivo.

Deste modo, levanta-se como questionamento a relação entre o uso ritual da ayahuasca e a promoção da saúde integral para seus praticantes em contexto urbano e coletivo. Ou seja, de que modo pessoas que fazem o uso ritual da ayahuasca em contexto urbano e coletivo relacionam essa prática com a promoção de uma saúde integral? De que modo a relação entre os efeitos do enteógeno, a vivência ritual e o conjunto de elementos que cercam o seu uso coletivo podem atuar como promotores de saúde?

O estudo tem como objetivo compreender de que modo o uso ritual da ayahuasca contribui para a promoção de saúde integral em um grupo de praticantes; conhecer os processos subjetivos individuais e coletivos produzidos a partir do uso ritual da ayahuasca; enunciar as influências da vivência coletiva na integralização individual da experiência com o chá; e sublinhar aspectos terapêuticos e de promoção de saúde integral no uso ritual de ayahuasca para este grupo.

O conteúdo do trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira seção, intitulada “Ayahuasca e a eficácia simbólica em rituais neo-xamânicos”, é apresentada uma breve fundamentação teórica, a qual subsidia as discussões suscitadas neste trabalho. Na seção seguinte, “Trajetos para a aproximação do sensível”, é realizada uma apresentação do método utilizado para a produção e compreensão das informações. Nas seções três, quatro e cinco, é apresentada a discussão dos resultados a partir dos três eixos temáticos que emergiram no processo de análise das informações: “A produção de ressignificações e a experiência coletiva”; “O Processo grupal e subjetividades”; e “Busca espiritual e desenvolvimento pessoal”. A última seção constitui as considerações finais.

2 Ayahuasca e a eficácia simbólica em rituais neo-xamânicos

O uso de plantas enteógenas, com caráter sagrado e ritualístico, é comum, desde tempos remotos, em muitas culturas tradicionais espalhadas pelo mundo (ARAÚJO, 2016). No Brasil, um dos enteógenos de uso mais popular é a

ayahuasca, produzida a partir do cipó e da folhagem de duas plantas amazônicas: o mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psicotria viridis*) (LABATE, 2002). Seus efeitos duram cerca de 4 horas e podem incluir intensa alteração perceptiva, cognitiva, emocional e afetiva (FRECSKA et al., 2016). Embora náuseas, vômitos e diarreias possam ser relatadas, evidências apontam para um caráter seguro no uso da ayahuasca, já que a mesma não é viciante e não é associada à psicopatologia ou prejuízos cognitivos (GROB et al., 1996; PALHANO-FONTES et al., 2018). Ayahuasca é um dos termos mais populares para se referir à bebida, mas cada cultura indígena, povo ou doutrina a denomina de modo particular, de acordo com a cosmologia e contexto.

A bebida foi difundida por meio dos movimentos religiosos sincréticos brasileiros, como Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha. Hoje, o próprio chá, as religiões e os movimentos ayahuasqueiros caminham em diversos campos territoriais e simbólicos, existindo uma ampla rede global ligada a ele, que inclui o uso indígena e os usos contemporâneos advindos da expansão dos movimentos religiosos (LABATE, 2004). O cenário é variado e dinâmico, do qual nascem e crescem, a todo instante, práticas rituais e sistemas simbólicos (LABATE, 2004) associados também a práticas terapêuticas (FRECSKA et al., 2016).

Além disso, a popularização do chá tem incitado a curiosidade de pessoas do mundo inteiro que buscam as cerimônias rituais com as mais diversas motivações, entre elas: busca de melhor compreensão e crescimento pessoal, cura emocional, integração com a natureza, desenvolvimento espiritual, tratamento de dependências, ampliação espiritual, entre outras (FRECSKA et al., 2016).

Em tradições originárias, o uso ritual de plantas enteógenas parte da compreensão de que os estados expandidos de consciência integram a experiência humana e se constituem em um meio de produzir saúde (LABATE; CAVNAR, 2014), o que possibilita questionar a eficácia simbólica dos ritos coletivos com a planta (LAGDON, 2013). As tradições originárias possuem uma visão de ser humano integral, de modo que a ideia de integralidade busca a totalidade do sujeito, compreendendo-o em suas esferas orgânicas, emocionais, psicológicas, sociais e espirituais (CAMPOS; FERREIRA, 2009; TEIXEIRA et al. 2013).

Costa (2004) fala sobre a importância da autonomia nos processos de saúde, o quanto ela implica na possibilidade de reconstrução dos sentidos da vida pelos sujeitos e como esta resignificação possui relevância no seu modo de viver. Sendo

a espiritualidade uma das dimensões da saúde integral dentro do grupo, pode-se afirmar que a expressão desta espiritualidade se dá dentro do fenômeno de crenças da Nova Era, que são práticas e espaços de vivência comumente denominados ora de místicos ora esotéricos, incluindo filosofias orientais e práticas terapêuticas alternativas (CAROZZI, 1999).

Dentro desta bricolagem, advinda da livre escolha e junção de elementos retirados das mais diversas tradições e filosofias, o desenvolvimento das potencialidades pessoais e autoconhecimento, bem como a busca por novas formas de espiritualidade e religiosidade, são tidos como fatores importantes dentro do movimento Nova Era (MAGNANI, 2005).

O neo-xamanismo é considerado uma vertente de práticas dentro da Nova Era e caracteriza o grupo onde foi realizado o estudo. As práticas popularmente denominadas xamânicas têm origem na cosmologia de cada grupo tradicional indígena e não indígena, alinhadas a seu sistema simbólico e influenciadas pelo contexto particular histórico, cultural e político (LANGDON; ROSE, 2010). Tais práticas despertaram o interesse popular a partir de publicações com enfoque interdisciplinar de experiências com substâncias expansoras de consciência, como nos populares livros de Carlos Castaneda e Michel Harner (MAGNANI, 2005). “Aqui, tem-se o início das raízes do movimento neo-xamânico, o qual objetifica o indígena como o “outro primitivo”, detentor de um conhecimento homogêneo, primordial e ancestral” (LANGDON; ROSE, 2010, p. 86-88). Assim, com a difusão das contribuições do uso de enteógenos para a psique (WINKELMAN, 2001), a sua utilização foi popularizada e passou a ser comum em espaços neo-xamânicos.

Magnani (2005) caracteriza o neo-xamanismo, ou o xamanismo urbano, como um amplo conjunto de práticas que são encontradas em diversas culturas históricas e contemporâneas indígenas, ou de populações rurais de diferentes partes do mundo, que utilizam elementos da pajelança, dos mitos, danças e farmacopeia de muitos grupos indígenas, onde são promovidos também encontros com pajés, líderes desses grupos. Segundo o autor, essas práticas não são transposições das sociedades tradicionais, pois possuem propostas e objetivos próprios dentro da Nova Era, tendo seu perfil de público, em geral, composto por classes médias urbanas, escolarizadas e consumidoras de bens e serviços do mercado neo-esotérico. A busca destas pessoas é concordante com as expectativas e representações contemporâneas sobre o exercício da religiosidade.

Um das práticas comuns e muito procuradas dentro da Nova Era e no neo-xamanismo são as cerimônias com uso ritual de ayahuasca. Sobre isso, Winkelman (2001) afirma que os processos rituais que utilizam substâncias psicoativas agem como dispositivos transformadores da personalidade individual e das relações sociais por meio do aprimoramento da integração dos significados simbólicos psicológicos, sociais e cosmológicos da ayahuasca entre os participantes.

Com o uso em pequenos grupos, é constatado um aprimoramento da coesão grupal e a reafirmação de valores sociais e culturais locais, sugerindo que eles agem como facilitadores de adaptação social por meio de alterações nas circunstâncias psicossociais (WINKELMAN, 2001).

Conforme Metzner (1998), uma prática contínua de trabalho com essas substâncias parece estar relacionada com a expansão dos sistemas de crenças para além dos limites do paradigma convencional materialista da psicologia e ciência ocidental, aceitando a realidade não material e reconhecendo que vivemos em múltiplos mundos de consciência.

Somando-se a isso, Mercante (2013) afirma que os novos circuitos neuronais, criados pela ingestão do chá, auxiliam na modificação de estados psíquicos e comportamentais ao acionarem gatilhos ligados aos mesmos. Apesar disso, para que as mudanças sejam concretas, seu mundo interno também deve ser significado. Neste momento, o coletivo é fundamental, pois serve de apoio e sustento para as modificações.

Internamente, as mudanças psíquicas ficam a cargo da eficácia simbólica que, segundo Langdon (2013), é uma transformação a nível inconsciente, que cria uma compreensão da situação e uma experiência de cura. Em seu estudo, a autora apresenta outras dimensões que permitem compreender a experiência de cura para além das limitações das teorias estruturais interpretativas, baseadas em processos analíticos, enfatizando o papel da eficácia simbólica na cura integral, que é a restituição do bem estar em sentido holístico.

Atualmente, nos rituais neo-xamânicos e em outras práticas da Nova Era, a potência da eficácia das práticas não se dá pelas representações simbólicas compartilhadas, como em um grupo tradicional, mas sim por meio de uma experiência corporal unificada, que se dá por uma profunda interconexão corporal e sensorial (LANGDON, 2013).

Langdon (2013) elenca os aspectos que fazem parte do processo de cura integral durante os rituais:

(1) Experiência intensificada: A performance possui uma qualidade temporal e singular resultante dos recursos comunicativos estéticos, competência individual e metas dos participantes. Cantos, danças e instrumentos utilizados pelo dirigente e participantes criam uma atmosfera intensificada;

(2) Aporte Multissensorial: Os instrumentos, sons, ritmos e dança contribuem para criar a realidade experimentada, criando uma experiência sinestésica;

(3) Expectativa colaboradora dos participantes: Como a expectativa coletiva influencia na criação da experiência;

(4) Comprometimento corporal, emocional e sensorial: O processo ritual atua como criador de uma experiência corporificada em que o poder persuasivo da cerimônia ativa processos endógenos de cura integral.

A autora destaca ainda que não é a substância que cura, mas sim a sua contribuição a toda conjuntura que gera a experiência transformadora, por meio das operações simbólicas que estimulam a reconstrução de contextos.

3 Trajetos para a aproximação do sensível

No presente estudo, utilizou-se como método de investigação o co-labor (LEVYA; SPEED, 2008; DOMÍNGUEZ, 2012), de modo a evidenciar a participação e o protagonismo de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa – grupo de ayahuasqueiros e pesquisadora.

Domínguez (2012) refere que o co-labor pressupõe um trabalho conjunto entre pesquisador e grupo, onde as discussões e fins da pesquisa são traçados a partir da sistematização das informações produzidas no encontro entre ambos. Ainda, segundo a autora, a investigação de co-labor inicia-se a partir da identificação do pesquisador com o grupo e do seu compromisso para com o coletivo na construção da pesquisa. Os conhecimentos e saberes circulantes dentro do grupo têm o mesmo valor que o conhecimento acadêmico, sendo assim, no co-labor, são construídas reflexões conjuntas acerca dos processos vivenciados no grupo.

Participaram da construção deste estudo a pesquisadora e 20 pessoas de um grupo de ayahuasqueiros de uma comunidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Os participantes, de faixa etária entre 20 e 45 anos de idade, eram

residentes da zona urbana, de classe média, autodeclarados brancos, a maioria com ensino superior completo ou cursando. No que se refere à religião/espiritualidade, a maioria já possuía vivências com alguma religião, geralmente católica ou evangélica, com circulação em outros espaços de diferentes linhas espirituais. A frequência nas cerimônias rituais do grupo é de mais ou menos uma vez por mês e muitos dos membros possuem laços de consanguinidade e/ou afinidade (irmãos, pais/mães e filhos e casais). O grupo não constitui o único referencial espiritual para muitos dos participantes, de modo que a maioria participa de algum outro grupo espiritual ou religioso.

Para colaborarem com a pesquisa, os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de modo que o estudo seguiu as normas do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2012), que dispõem sobre a realização de pesquisa envolvendo seres humanos. Assim, para preservar o anonimato e proteger a identidade dos participantes, ao longo do estudo, foram utilizados nomes fictícios, fazendo referência a pássaros da região sul do estado do RS. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMED em 28 de fevereiro de 2018, parecer número 2.517.765.

Uma vez que a pesquisadora já estava totalmente integrada dentro do grupo de ayahuasqueiros, após um ano de convívio, que foi iniciado em abril de 2017, apresentou-se a proposta da pesquisa, seus objetivos e estratégias de produção de informações, especialmente as rodas de co-labor. Assim, foram realizadas duas rodas de co-labor, gravadas em áudio e transcritas ao longo do mês de março de 2018, no turno da manhã, logo após os encontros do grupo de praticantes do uso ritual da ayahuasca.

Após a primeira roda de co-labor, que teve 1 hora e 15 minutos de duração e 11 participantes, as gravações em áudio foram transcritas, organizadas em uma tabela, onde foram destacados temas significativos das narrativas, sistematizados pela pesquisadora e compartilhados com o grupo no início da segunda roda de co-labor.

Na segunda roda, que teve 2 horas de duração e 09 participantes, foram produzidas informações novas e complementares às anteriores, que, por sua vez, foram novamente transcritas e organizadas na tabela, onde foram destacados novos temas significativos.

Também utilizou-se o diário de campo e uma entrevista semiestruturada com o dirigente do grupo de ayahuasqueiros. No diário de campo, foram registradas reflexões, impressões e sentimentos, descrevendo acontecimentos vivenciados no campo, na perspectiva de contribuir com a expansão das informações (HESS, 2006) produzidas no grupo de ayahuasqueiros. A entrevista semiestruturada foi realizada após as rodas de co-labor, na perspectiva de validar as informações sistematizadas pela pesquisadora, bem como produzir informações complementares.

O processo de produção seguiu os seguintes passos: 1) transcrição dos áudios da primeira roda de co-labor; 2) leitura minuciosa da transcrição da primeira roda de co-labor e identificação de temas emergentes; 3) apresentação dos temas emergentes e sistematizados pela pesquisadora aos participantes da segunda roda de co-labor; 4) transcrição da segunda roda de co-labor; 5) leitura minuciosa da transcrição da segunda roda de co-labor, identificação de novos temas emergentes e confirmação de outros; 6) encontro com o grupo de ayahuasqueiros para compartilhar o andamento da pesquisa e resultados preliminares; 7) realização de uma entrevista semiestruturada com o dirigente do grupo, tomando as discussões da roda de conversa como uma das principais bases de direcionamento; 8) transcrição da entrevista e identificação de novos temas emergentes; 9) organização do corpus de análise, considerando as narrativas das rodas de co-labor e entrevista semiestruturada; 9) construção da análise textual discursiva (MORAES, 2003).

Para o processo de desenvolvimento da análise textual discursiva (MORAES, 2003), foram realizadas também algumas etapas específicas, uma vez já identificados os temas significativos: 1) Leitura e unitarização dos significados dos textos (tanto as transcrições das rodas quanto da entrevista semiestruturada); 2) Geração de outros grupos de significados, ampliados através da interlocução empírica, teórica e interpretação da pesquisadora; 3) Categorização dos conceitos, onde as unidades de significado similares foram reunidas e novamente fundamentadas empírica e teoricamente.

O exercício constante da escrita constituiu o cerne da análise textual discursiva, ora empírica ora se deslocando para a abstração teórica, onde a pesquisadora estabeleceu um movimento de interpretação e produção de argumentos, que geraram os textos interpretativos que compõem o metatexto final (MORAES, 2003), o qual deu origem aos três principais eixos temáticos descritos a seguir.

4 A produção de ressignificações e a experiência coletiva

Um dos temas de maior recorrência dentro do corpus de análise consistiu na forma como o convívio no coletivo contribui e facilita as transformações psíquicas e comportamentais suscitadas a partir dos processos rituais. Durante os processos rituais, o contato com o próprio corpo se torna muito mais agudo, pois há intensas alterações perceptivas, cognitivas, emocionais e afetivas (PALHANO-FONTES et al., 2018). O corpo se torna vulnerável e é também um veículo promotor de ressignificações, as quais ocorrem durante a vivência coletiva com o auxílio ou interferência de outros participantes.

A partir da forte experiência de catarse corporal presente durante as cerimônias e da aproximação que existe com as sensações orgânicas, que são elaboradas junto à autorreflexão, o modo como pensa o corpo físico é modificado (LANGDON, 2013).

A experiência corporal começa bem antes da chegada ao local, desde o momento em que se lêem as recomendações para a sessão, onde sugere-se uma alimentação leve e que não seja feito o uso de substâncias viciantes, como álcool, por exemplo. Muitos participantes, após algumas experiências e trocas de ideias com outros, passam a alimentar-se de modo mais natural, dependendo da frequência com que comparecem às cerimônias, dando mais atenção à sua saúde.

As mudanças são motivadas tanto pelos hábitos coletivos do grupo quanto pelas experiências desencadeadas durante a ingestão da bebida. A ideia de que a intoxicação, tanto física (ingestão de substâncias não recomendadas) como emocional, pode desencadear processos de limpeza (vômito e diarreia) é presente no grupo.

Dentro do coletivo, a saúde e seus desequilíbrios são percebidos de modo holístico, estando intimamente relacionados à dimensão espiritual e emocional, como pode ser visto na fala do dirigente:

(...) toda doença no corpo físico é algo que a gente não se melhorou, não procurou uma espiritualidade. Vai acarretando, junto com a raiva, com o ódio, com a mágoa. Isso tudo vai somando e tem que estourar né. E a ayahuasca também mostra. A pessoa consegue ver na frente dela o quanto que elas tão fazendo mal para elas, não cuidando do lado espiritual, do físico também (...) E a ayahuasca é comprovadamente um remédio também, remédio natural, na cura de depressões. Vários relatos, já teve aqui, de vícios também. (Informação verbal)

As experiências durante as cerimônias com ayahuasca motivam processos mentais e emocionais dentro de uma experiência pessoal e espiritual integradora (WINKELMAN, 2001). A experiência envolve um emaranhado catártico, trazendo à superfície pensamentos, lembranças, sentimentos e sensações que são sentidas no âmago do corpo (FRECKSKA et al. 2016; WINKELMAN, 2001; METZNER, 1998). Muitos descrevem as “limpezas” como parte do “processo de entendimento”, o qual é suscitado durante o ritual. A seguir um trecho do relato de Andorinha sobre uma experiência em ritual:

(...) tive uma experiência muito forte, que foi a que fez eu parar de fumar, que foi uma experiência que eu enxergava caminhos, vários caminhos, e eu ia indo nesses caminhos assim. E aí, de repente, vinha uma barreira e me parava, e nessa barreira que parava tinha seres de muito baixa vibração, com bebidas e cigarros na mão, e eles estavam caindo para os lados assim, bêbados e desorientados assim, sabe? (...) E eu percebi que a bebida e o cigarro não deixavam eu avançar e que eu iria ter um problema muito grave, então, eu decidi deixar de vez. E eu simplesmente parei. Não foi uma abstinência, uma tortura, um sofrimento que nem tinha sido todas as outras vezes que eu tentei parar. De todas as outras vezes, eu me identificava com aquilo, então, eu pensava que, se eu não tivesse aquilo ali, eu ia sofrer muito, porque aquilo era parte de mim. No momento que tu não te identifica assim mais com as coisas, que não te servem, tu te identifica como um ser completo, tu começa a não precisar mais das tuas bengalas na tua vida. (Informação verbal)

Neste relato, pode-se perceber o modo como o processo de conflito com o cigarro ficou representado simbolicamente, através das imagens acessadas por Andorinha, e impresso no corpo pelos sentimentos intensos que acompanharam as mirações (visões induzidas pelo chá), ilustrando os aspectos performativos que fazem parte do processo de eficácia simbólica trazido por Langdon (2013). Além disso, outra característica observada é o quanto os membros se apoiam quando há criação e manutenção de um *mindset* positivo e otimista, destacando a importância do *set* mental (METZNER, 1998), como é referido por Andorinha:

(...) a gente começa a ter uma visão mais psicossomática do corpo e mente. Essa nova visão das coisas, mais holísticas, de que tudo está conectado, está interligado, nos faz posicionar na vida de outra forma. Há grande influência da nossa mente em relação a como a gente se posiciona em relação à vida, e eu acho interessante colocar isso, porque a ayahuasca nos mostra quando a gente tá na expansão, percebemos que o nosso estado mental que influencia no que a gente tá pensando, como a gente tá se sentindo. Porque, o que é saúde? É tudo. É uma visão total de tudo, não tem como você separar físico, mental, sociedade também. (Informação verbal)

Assim como Andorinha, muitos participantes também modificaram sua perspectiva acerca da saúde com a regularidade de participações no grupo. Além disso, é comum dentro do grupo, ainda, o relato de mudança de posicionamento em relação à espiritualidade individual. Muitos, antes céticos, acabaram alterando sua perspectiva em relação a este campo. Sobre este tópico, Sabiá comenta:

(...) quando eu vim para cá, eu era super cético, eu era ateu, não acreditava em nada (...), porque, para mim, eu tinha que racionalizar tudo, tinha que ser muito racional. Só que, quando eu vim para cá a primeira vez, tudo caiu por terra, porque a gente entra numa conexão tão grande com todo mundo, numa ajuda tão mútua, que cada palavra que eu ouvia do pessoal aqui chegando perto e dando conselho (...) (Informação verbal)

Após algum tempo de frequência no grupo, observou-se entre os membros uma abertura maior à dimensão espiritual e, até mesmo, estudo ou interesse em uma linha específica. Logo, constatou-se que o grupo funciona como um grande sistema de suporte para mudanças e hábitos, tanto comportamentais quanto mentais, o que é referido por Metzner (1998) quando afirma que uma prática contínua de trabalho com essas substâncias está relacionada com a expansão dos sistemas de crenças para além dos limites do paradigma convencional materialista da psicologia e ciência ocidental, aceitando a realidade não material.

5 O processo grupal e subjetividades

Muitos participantes comentaram acerca da atmosfera grupal e como isso influenciava na forma como viviam e absorviam as experiências em grupo. O grupo é visto como tendo algumas características distintas, como a receptividade e a afetividade no trato interpessoal, o que deixa os integrantes mais seguros e confiantes acerca da vivência e no modo de expressar-se. Sabiá conta do primeiro dia que chegou ao espaço e como foi sua sensação:

Senti o mais acolhedor possível. Antes, para me dar um abraço, eu ficava meio distante, meio longe, achava esquisito, gente que eu não conheço (...) porque eu nunca tive uma ligação afetiva muito perto da minha família, então, era muito esquisito. A primeira vez que eu desci aqui, eu mal desci do carro, e o pessoal já tava me abraçando, dando risada. E tu vê né, que coisa esquisita (risos). É muito legal dizer que, a partir desse momento, começa a mudança, a partir de como as pessoas te tratam, e tu começa a tratar, enxergar um irmão, outro ser humano, do mesmo modo que tu quer

que te enxerguem, e começa a tratar o ser humano do mesmo modo que tu quer que te tratem. A partir daí começa a mudança. (Informação verbal)

Segundo o idealizador do grupo, essa facilidade é fruto de sua passagem por outros centros, onde havia separação de participantes masculinos e femininos, devendo casais e amigos próximos, preferencialmente, manter-se neutros na expressão de afeto, ou seja, o acolhimento não era feito de forma tão significativa. Durante o ritual, é permitido ao participante ficar sentado, deitado, colocar-se em pé ou dançar, se desejar, desde que não interfira no trabalho dos demais. O dirigente comenta que, por ser um trabalho mais “livre”, as pessoas sentem-se mais à vontade.

Assim, esse formato de ritual aproxima as pessoas, favorecendo a formação do vínculo, que funciona como suporte e incentivo à realização de mudanças internas. O compartilhamento de ideias e sentimentos pessoais atua como facilitador nos processos de ressignificação da trajetória pessoal, como refletido nas falas de Sabiá e Beija-Flor, respectivamente:

(...) aqui te dá firmeza para realizar a mudança. E cada vez que eu preciso de algum apoio, pode contar com algum irmão daqui, algum irmão te auxilia, te dá todo o suporte se tu tá com algum problema, então, para mim, foi um eu antes do primeiro ritual e um eu depois do primeiro. (Informação verbal)

Se eu estou muito perdida e aí vem uma pessoa que tem mais experiência e, com todo carinho, me diz ‘De repente, se você se conduzir mais para lá’, já parece que me dá um reajuste nas coisas. Então, quero dizer que a gente tá num processo de constante transformação, e esse processo flui muito em função do grupo, pois as pessoas vão renovando a energia e vão te levando como correnteza mesmo. Coisas que, sozinha, eu dificilmente conseguiria atingir nesse tempo, com essa intensidade, é um tempo curto”.

Portanto, os momentos de manifestação de comportamentos afetivos, como abraços, sorrisos, olhares, gestos de carinho, palavras de agradecimento, valor e afeto, são fundamentais para a formação de vínculo no grupo. Esses momentos acontecem tanto no final do ritual, após os agradecimentos e oração, quanto durante, quando ambas as partes sentem-se confortáveis e concordantes em expressar-se desta forma. Alguns participantes relatavam resistência em receber esta forma de afeto, os quais, hoje, após participarem de rituais, tornaram suas interações mais humanizadas, empáticas e afetivas, tanto em meio familiar quanto em outras relações do dia a dia, como relata Cardeal:

Eu lembro que, no primeiro, uma coisa que me marcou, me mudou bastante, foi a facilidade de falar. Antes eu não tinha isso. Tinha algo dentro de mim que não se sentia bem em falar. E, depois daquele dia, eu trabalhei algo interno, não sei o que aconteceu, que me fez sentir super à vontade em me expor, falar. E também, aquele dia, aconteceu algo que mudou muito: durante o ritual, eu vi as pessoas se abraçando, se tocando, e aí senti essa vontade de tocar em alguém assim. De repente, o Bem-te-vi veio do meu lado, me pediu um abraço e mudou totalmente o conceito de abraço. Simplesmente isso mudou o significado, passou de um simples cumprimento, gesto, e acho que tem a ver com uma troca, algo que você doa... Eu passei a usar muito isso, o abraço. (Informação verbal)

Percebe-se, assim, que o modo como o cerimonial está organizado favorece a expressão verbal e afetiva, importante para a elaboração dos processos acerca de si, do meio e do outro. Tangará destaca que o local e o momento de fala, proporcionado pela dinâmica grupal, contribui de forma efetiva para que todos os participantes sintam-se seguros em expressar-se:

Acredito que, aqui dentro, como a gente tem um local de fala na hora dos agradecimentos, onde todo mundo pára pra ouvir e tem interesse de ouvir o teu relato, então, tu te sente realmente respeitado e acolhido. E lá fora, às vezes, tu fica inseguro para falar porque tu não sabe se tu vai ter teu local e espaço de fala respeitados. Aqui, muitos irmãos que também passam pelos mesmos processos, de repente, vão se reconhecer na tua fala. Tenho mais segurança para falar. (Informação verbal)

Muitos participantes também destacaram outra propriedade característica do grupo que é a do não julgamento e a não exigência ou cobrança de algo no outro, o que facilita as verbalizações. Sabiá coloca:

(...) todo mundo pára pra te ouvir e tá todo mundo interessado, realmente, na tua experiência, que tu fique melhor, fique bem, te sintas bem, então, é muito diferente. Tem uma cooperação assim. Todo mundo cria um ambiente favorável para que tenha uma mudança e para que tu te sintas bem (...) transpondo aquela barreira do julgamento, sabe, simplesmente eu tô te ouvindo, entendendo que o teu processo foi esse, e eu sei que o meu foi diferente, e cada um tem o seu, mas, no fim, a gente chega no mesmo ambiente, compartilhando a sua experiência, aprendendo a viver, aprendendo as mesmas coisas. (Informação verbal)

E Juruviara complementa: “É que aqui não temos tanta necessidade de aprovação dos outros (..)”

Quando discutido com o dirigente acerca dessa particularidade do grupo e o esforço para uma atmosfera de conforto e familiaridade, ele comenta:

Fora não ter isso de doutrinas rígidas, regras, tem esse lado também, da pessoa vir e não ter julgamento. Isso é o que eu prezo muito no grupo: para não ter julgamento de um irmão. (Informação verbal)

Um dos pontos mais citados pelos participantes é o fator do desenvolvimento de autoconhecimento, que afeta as demais áreas, tais como a visão que se tem de si mesmo, o círculo de amigos, comportamentos expressos, entre outras. Como ilustra a fala de Tangará:

(...) eu me enxergava muito através do outro, através do que o outro dizia que eu era. Enxergar a mim através das especulações que vão se criando (...) então, a gente está, às vezes, perdido em meio a isso, no olhar do outro, não se conhecendo de verdade. A ayahuasca é uma viagem muito interna, de te conhecer, tirando essas cascas. 'Tangará isso, Tangará aquilo'...o que eu sou de verdade? Então, parte desse olhar de dentro, e isso é uma transformação em mim e também na maneira como eu enxergo o outro, passo a tentar especular menos, passo a tentar conhecer ele a partir daquilo que ele me permite conhecer e o que ele realmente me apresenta, e não aquilo que o ego quer enxergar. É um trabalho diário. (Informação verbal)

O trabalho de autoconhecimento do ritual, aliado ao compartilhamento de informações no grupo, atua como constante motivador para que o indivíduo possa, continuamente, se autoconhecer e, desta forma, ponderar melhor sobre decisões acerca de sua vida.

A partir da manifestação frequente dos comportamentos e sentimentos por parte da liderança e membros do grupo, é possível desconstruir, ressignificar, absorver e reconstruir dentro de si e do grupo um novo modo de interagir, o qual ultrapassa as relações dentro do coletivo, ampliando-se e atingindo também as demais dimensões da vida emocional e social dos participantes. Destaca-se aqui como o *feedback* do outro molda a visão que se possui de si próprio e impacta o modo como se interpreta a própria história pessoal, onde o outro funciona como um refletor daquilo que se expressa, tornando as transformações “palpáveis” ou concretas de fato.

6 Busca espiritual e desenvolvimento pessoal

Seja qual for o propósito, o espaço do ritual propicia que a pessoa tenha um momento tanto para estudo individual quanto para comunhão e cultivo de sua

espiritualidade no coletivo, propriedade característica dos espaços Nova Era, como trazido por Magnani (2005).

Muitos, às vezes, costumam ir às cerimônias perto de datas ou eventos importantes para si, como o aniversário, marcando uma mudança de ciclo, próximo do nascimento de um filho, antes de partir para uma viagem ou mudar de cidade, durante situações difíceis, conflitos interpessoais ou períodos de estresse. O cunho introspectivo e intimista facilita o autoexame da vida, a aceitação e integração de fatos e experiências conflitantes, em maior ou menor grau, anteriores ou atuais da vida, onde a cerimônia atua de modo terapêutico, através da criação de uma experiência corporificada, em que o poder persuasivo do ritual ativa processos endógenos de cura integral (LANGDON, 2013). A partir disso, muitos conseguem ter uma visão “de fora” da própria vida, observando com maior clareza sua trajetória, aspectos de si, que, se melhor trabalhados, podem transformar suas experiências e posicionamentos em diferentes áreas da vida. Pitiguari relata seu processo:

(...) foi então que, aí, eu vindo aqui, que eu tive consciência do quanto que eu tinha que me trabalhar, do quanto que eu tinha que ser tolerante. Vi que a ayahuasca foi me trabalhando neste sentido, de lidar com as pessoas, de aceitar. Eu pensava que aceitava as pessoas, mas não aceitava. Eu queria que me aceitassem como eu era, porque tinha acontecido isso e isso comigo, e aí eu fui descobrindo que eu que tinha que aceitar os outros primeiro, me reconhecer, reconhecer o outro, que também está no seu processo, seja ele como for. Aí eu comecei a me trabalhar, entrou a paciência, a questão de se sensibilizar com o outro, saber lidar com as diferenças. E aí, talvez, entrava a minha irritação por eu não saber lidar com as diferenças. Hoje, eu consigo lidar muito mais fácil com as diferenças. (Informação verbal)

Nas narrativas, em geral, é percebido nos participantes, durante a sessão, um posicionamento de modo a encarar e trabalhar com a aceitação e compreensão das próprias emoções, que, usando a analogia da lupa ou microscópio, são ampliadas por substâncias expansoras de consciência (METZNER, 1998).

O desenvolvimento de autocontrole, frente à abertura mental que a ingestão da substância suscita, demanda do indivíduo desenvolvimento do manejo de seus estados mentais, referido no grupo, frequentemente, como “firmeza”, ou seja, manter-se em um estado mental de clareza, confiança, positividade e tranquilidade, frente à diversidade de pensamentos e emoções gerados na mente. A seguir, um trecho de uma história, onde Andorinha necessitou de auxílio:

(...) sentido que eu ia me entregar para aquela coisa que eu não sabia o que era, e ele (dirigente) disse: 'Tu te firma, tem que te firmar. Falando bem sério, não pode dar brecha para outras coisas'. E eu comecei a tentar me firmar, e fui tomando água e tendo auxílio dos irmãos e das minhas amigas. Daqui a pouco, foi diminuindo, diminuindo... mas, depois de tudo, consegui estabilizar. (Informação verbal)

Aqui, é descrito um momento onde a participante percebe que estava passando por uma “peia”, como são chamadas as emoções ou estados mentais que vêm à tona nos rituais, recebendo ajuda dos demais membros, conseguindo se reestabelecer. O apoio nesse tipo de experiência é importante, pois pode parecer, durante alguns minutos, que tudo está perdido, onde o suporte do outro fornece a segurança para realizar a passagem por este período. Ainda assim, muitos relatam que aprendem com a peia experiências desafiadoras, enxergando nela valor e até mesmo algumas vantagens, pois, de acordo com Barrett (2016), essas experiências fornecem a oportunidade de confrontar algo que se tem tentado evitar, mas que, ao ser confrontado, pode ser trabalhado e curado.

Independente do tempo ou número de vezes que teve contato com substâncias expansoras, ninguém está isento de ter experiências desafiadoras. Não há como prever se a pessoa, ao ingerir qualquer substância expansora, terá uma boa ou má experiência. Segundo Barrett (2017), o que pode ser feito é uma suposição baseada em certos aspectos de sua personalidade. Em seu estudo, o autor afirma que pessoas com níveis mais elevados de neuroticismo, incluindo ansiedade, autoconsciência e solidão, tendem a ter experiências mais severas. Segundo ele, isso se deve ao fato de que essas substâncias produzem uma sensação de dissolução do ego ou perda de si mesmo. Então, se a pessoa é incapaz de entregar-se a essa experiência e deixar-se levar por alguns minutos, será um grande desafio, porque não é algo que se possa controlar.

Dentre os relatos compartilhados no grupo, recebem destaque, ainda, as experiências místicas e espirituais, que são compartilhadas com mais frequência entre amigos próximos, por se tratarem de um material mais subjetivo. Este conteúdo recebe importância por ser vivenciado de forma muito intensa e multissensorial pelos participantes, gerando um impacto no modo como enxergam a própria vida. Podem ser lugares que foram visitados, encontros com outros seres da “dimensão espiritual”, familiares ou pessoas próximas que já faleceram, visualização de luzes ou objetos não presentes na realidade racional, contato com mensagens,

ensinamentos, sensações, sentimentos ou compreensões não oriundos do estado corriqueiro da mente.

Essas experiências podem incentivar o indivíduo no desenvolvimento de uma espiritualidade própria, contribuindo na criação de hábitos relacionados a sua religiosidade, os quais farão a manutenção da conexão com o divino, que foi gerada no espaço do ritual, e pode ser denominado Deus, Universo, natureza, Mãe-Terra, etc. Tangará conta um pouco de sua rotina espiritual, que ilustra algumas práticas comuns dentro do grupo:

“Eu tenho um altar grande montado ao lado da minha cama com todas as imagens que representam algo em mim. Então, todos os dias, quando eu chego da aula, à noite, eu sempre reverencio e agradeço cada uma delas pela proteção, pelos cuidados, pelas orientações, por me acompanharem e por estarem ali. Isso é normal do dia a dia, mas, em dias mais difíceis, assim, dia cansativo, que eu acabo me sentindo meio desesperançosa, eu sempre procuro acender uma vela violeta, verde ou rosa, pedindo para que eu consiga me reconectar, pedindo para os seres guardiões que eu consiga tratar essa situação... E é isso, sempre procuro fazer uma prece, não prece pronta, eu faço uma prece do que eu tô sentindo e sou reikiana (...).”

Este comportamento é denominado coping religioso/espiritual, que é a utilização da religião, espiritualidade ou fé para lidar com o estresse e até mesmo manejar crises (PANZINI, 2007). Dentro do grupo, esse é um comportamento comum e incentivado pelos membros. São indicadas preces, meditações e a criação de um espaço destinado à realização dessas ações. Esses hábitos também estão ligados ao desenvolvimento de uma religiosidade intrínseca, a qual está associada a um sentimento de significado último da vida, em que a pessoa busca harmonizar suas necessidades e interesses às suas crenças, esforçando-se para internalizá-las e segui-las completamente (ALMINHANA, 2009).

7 Considerações finais

Este estudo representa uma das formas pelas quais é possível estudar um fenômeno, como o uso ritual da ayahuasca. Considerando os objetivos iniciais propostos, que visavam principalmente conhecer a forma como essa prática contribui para a promoção de saúde integral, considera-se que foi um trabalho bastante significativo.

Durante todo o estudo, percebeu-se como o uso ritual da ayahuasca e a vivência coletiva atuam como ferramentas de promoção de saúde integral, facilitando processos subjetivos de ressignificação de si e do mundo.

A experiência de participações dentro do grupo, por um período de médio a longo prazo, contribui com transformações pessoais, impactando no modo como a pessoa enxerga a si mesma, suas ações e consequências futuras, através de uma maior reflexão sobre decisões e hábitos, e da ressignificação de situações traumáticas. A ressignificação de si altera sua experiência no mundo, onde, através do desenvolvimento da autoexpressão na comunicação verbal e não verbal, são melhoradas as relações familiares e sociais, aspectos promovidos pelo acolhimento dentro do grupo e constante compartilhamento de experiências acerca das vivências coletivas com o uso ritualizado do chá. Além disso, a participação no grupo contribui com a aceitação do além do físico, por meio de uma visão integral sobre a vida, a qual abarca aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais.

A experiência ritual com ayahuasca assemelha-se, de certa forma, aos trabalhos terapêuticos propostos pela Psicologia, pois coloca a pessoa em contato com aspectos psicológicos profundos de si para que possa sentir-se melhor.

No entanto, os voluntários que participaram das rodas eram, na maioria, os membros mais assíduos e com trajetórias, de modo geral, positivas dentro do grupo. Com o perceptível crescimento do número de membros do coletivo e dinamismo de participações nos rituais, emerge o questionamento acerca do que acontece com as pessoas que participam apenas uma única vez e de como foi essa experiência, já que as informações coletadas só foram possíveis graças ao compartilhamento no grupo, através dos vínculos formados. Mas e os demais perfis de pessoas que experimentaram? Talvez nem todas obtiveram reflexões positivas ao longo do tempo.

Vale ressaltar, ainda, que um acompanhamento psicoterapêutico, com profissionais preparados, contribuiria com a pessoa que faz o uso ritual da ayahuasca, o que já acontece em alguns centros dentro e fora do país na realização de estudos específicos com psicodélicos. Nem sempre o grupo ou o colega será o melhor continente para uma experiência que promove intensos processos psíquicos.

A realização deste estudo foi gratificante, pois gerou conhecimento acerca deste popular fenômeno, sob uma outra perspectiva, podendo ser somado aos estudos realizados na área atualmente, onde o uso de substâncias expansoras de

consciência para tratamento terapêutico tem se tornado cada vez mais próximo da realidade da Psicologia.

Referências

ALVES, M. C. **Desde Dentro: Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana**. 2012. 308 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ALVES, M. C.; SEMINOTTI, N.; JESUS, J. P. Conhecimentos e Verdades: racionalidades em questão! In: TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; DA SILVA, J. D. T. (Orgs.). **Psicologia e Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 95-116.

ALMINHANA, L. O.; MOREIRA-ALMEIDA, A. Personalidade e religiosidade/espiritualidade (R/E). **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo , v. 36, n. 4, p. 153-161, 2009 .

ARAÚJO, F. **Plantas de poder em contextos de situação – o Santo Daime**. Disponível em: < <http://neip.info/evento/grupo-de-trabalho-plantas-sagradas-ritual-e-novas-espiritualidades/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BARRETT, F. S.; CARBONARO, T. M.; BRADSTREET, M. P. et al. Survey study of challenging experiences after ingesting psilocybin mushrooms: Acute and enduring positive and negative consequences. **Journal of Psychopharmacology**, v. 7, n. 12, p. 1268-1278, 2016.

BARRETT, F. S; JOHNSON, M. W.; GRIFFITHS, R. R. Neuroticism is associated with challenging experiences with psilocybin mushrooms. **Personality and Individual Differences**, v. 117, p. 155-160, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

CAMPOS, L. de F.; FERREIRA, T. S. O Conhecimento Veiculado Em Literatura Nacional Sobre Integralidade Em Saúde. **Cogitare Enfermagem**, Paraná, v. 14, n. 2, p. 368-373, 2009.

CAROZZI, M. J. Nova Era: autonomia como religião. In: CAROZZI, M. J. (Org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 149-186.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Dispõe Sobre A Realização De Pesquisa Em Psicologia Com Seres Humanos. Resolução CFP Nº 010/2012. 26 de junho de 2012. Diário Oficial Da União Brasília (DF), 26 jun. de 2012. p.1.

COSTA, A. M. Integralidade na atenção e no cuidado a saúde. **Saude e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 5-15, 2004.

DOMÍNGUEZ, M. **Nuestra experiencia en la investigación descolonizada activista de co-labor: la forma de proceder en lo concreto**. 2012. Disponível em: <encuentroredtoschiapas.jkopkutik.org>. Acesso em: 20 out. 2017.

FRECSKA, E.; BOKOR, P.; WINKELMAN, M. The therapeutic potentials of ayahuasca: possible effects against various diseases of civilization. **Frontiers In Pharmacology**, v. 7, n. 35, 2016.

GROB, C. S.; MCKENNA, D. J.; CALLAWAY, J. C. et al. Farmacologia humana da hoasca: efeitos psicológicos (1996). In: LABATE, B.; ARAÚJO, W. (Orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 736p.

GROF, S. **Beyond the Brain: Birth, Death and Transcendence in Psychotherapy**. New York: State University of New York Press, 1985.

HESS, R. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Prefácio de Marie-Christine Josso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

HOFMANN, A.; RUCK, C.; WASSON, G. **El Camino a Eleusis. Una solución al enigmado los mistérios**. México: Fondo de Cultura Economica, 1980. 246 p.

LABATE, B.; ARAÚJO, W. **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Fapesp, 2002. 736 p.

LABATE, B. **A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos**. São Paulo: Fapesp, 2004. 536 p.

LABATE, B.; CAVNAR, C. **The Therapeutic Use of Ayahuasca**. 1. ed. Estados Unidos: Springer, 2014. 226 p.

LANGDON, E. J. La eficacia simbólica de los rituales: del ritual a la performance. In: LABATE, B.; BOUSO, J. C. (Orgs.). **Ayahuasca y Salud**. 1. ed. Barcelona: Los Libros de La Liebre de Marzo, 2013. p. 80-119.

LANGDON, E. J.; ROSE, I. S. de. Diálogos (neo)xamânicos: encontros entre os Guarani e a ayahuasca. **Tellus**, Campo Grande, v. 10, n. 18, p. 83-113, 2010.

LEARY, T.; LITWIN, G. H.; METZNER, R. Reactions to psilocybin administered in a supportive environment. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 137, p. 561-573, 1963.

LEYVA, X.; SPEED, S. Hacia la investigación descolonizada: nuestra experiencia de co-labor. In: LEYVA, X.; BURGUETE, A.; SPEED, S. (Coord.). **Gobernar (en) la diversidad: experiencias indígenas desde América Latina**. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social/Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2008. 566p.

MAGNANI, J. G. C. Xamãs na cidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, 2005.

MERCANTE, Marcelo. A ayahuasca e o tratamento da dependência. **Revista Mana**, v. 19, n. 3, p. 529-558, 2013.

METZNER, R. Hallucinogenic Drugs and Plants in Psychotherapy and Shamanism. **Journal of Psychoactive Drugs**, v. 30, n. 41, p. 333–341, 1998.

METZNER, R. Addiction and transcendence as altered states of consciousness. **Journal of Transpersonal Psychology**, v. 26, n. 1, p. 1-17, 1994.

PAIVA, V. **Ayahuasca, experiências e neoxamanismo: um estudo etnográfico junto ao Grupo Xamânico Caminho do Arco-Íris – Pelotas/RS**. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

PALHANO-FONTES, F.; BARRETO, D.; ONIAS, H. et al. Rapid antidepressant effects of the psychedelic ayahuasca in treatment-resistant depression: a randomized placebo-controlled trial. **Psychological Medicine**, p. 1-9, 2018.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.

SCRIBANO, A.; DE SENA, A. Construcción de Conocimiento en Latinoamérica: Algunas reflexiones desde la auto-etnografía como estrategia de investigación. **Revista de Epistemología de Ciencias Sociales**, v. 34, n. 1, p. 1-15, 2009.

TEIXEIRA, G. B.; DA SILVA, C. A.; TEIXEIRA, L. B. et al. Understanding the principle of integrality from the view of undergraduate nursing students. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 764-771, 2013.

ZULUAGA, G. A cultura do yagé, um caminho de índios. In: LABATE, B.; ARAÚJO, W. (Orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Fapesp, 2002.

WINKELMAN, M. Psychointegrators: Multidisciplinary Perspectives on the Therapeutic Effects of Hallucinogens. **Complementary Health Practice Review**, v. 6, n. 3, p. 219-237, 2001.

Apêndices

Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL CURSO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Sou acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Pelotas. Estou realizando uma pesquisa, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Miriam Cristiane Alves, intitulada **“Ayahuasca, Xamanismo e Promoção de Saúde Integral: Processos de promoção de saúde em um grupo de praticantes do uso ritual do enteógeno”**, cujo objetivo é compreender de que modo o uso ritual da Ayahuasca contribui para a promoção de saúde integral em um grupo de praticantes do estado do Rio Grande do Sul.

Sua participação é voluntária e envolve participar de rodas de conversa que serão gravadas em áudio e transcritas. Elas acontecerão em data, horário e local a combinar.

O estudo apresenta riscos mínimos, pois as rodas de conversas poderão acarretar desconfortos ou constrangimento. Para minimizá-los as conversas, reflexões e questões desenvolvidas poderão ser ou não respondidas/tratadas na sua integralidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo para você.

Na publicação dos resultados da pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Este documento foi elaborado em duas vias idênticas que serão assinadas por você e pelas pesquisadoras. Uma cópia ficará com você e outra com as pesquisadoras.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelas pesquisadoras pelos fones 51 984054178 ou 53 981423256.

Atenciosamente,

Profª. Drª. Miriam Cristiane Alves

Local e data

Acadêmica Patrícia Medronha Soares

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data

Apêndice B – Os Rituais

Os Rituais do Grupo

Os trabalhos no grupo são realizados tanto em caráter aberto quanto fechado, nos trabalhos abertos, a chamada é feita publicamente no grupo em rede social, e conta com abertura de mais ou menos 25 a 30 vagas (quando é feito ao ar livre o número de vagas é maior pela possibilidade de espaço), e os trabalhos fechados são realizados para um número menor de pessoas, geralmente nesta modalidade a combinação de presença é feita internamente com os membros mais antigos da casa.

O espaço ritual

Atualmente o espaço comporta rituais tanto a céu aberto (quando clima favorável) quando dentro do galpão, que comporta cerca de 30 pessoas, durante o inverno a maioria dos rituais é realizado dentro do galpão. Esse espaço é decorado com muitas mandalas e figuras religiosas de diversas linhas, por exemplo imagens de Jesus Cristo, Krishna, Mãe Maria etc. Possui ainda duas mesas, uma sobre a qual repousam algumas pedras e imagens e outra que constitui o altar, ainda tem uma terceira mesa mais baixa onde se costumam deixar os kuripes, tipis, água, velas e demais acessórios que precisam ficar a mão durante o ritual. Ao lado do banheiro ainda possui um espaço para depósito de lenha, que é usada para alimentar o fogo central do ambiente.

A cerimônia

A maioria dos rituais se realizam no sábado, tendo início as 21h, mas é comum que se chegue 2h ou 3h antes do trabalho como forma de preparação e concentração. Nesse período de tempo, ainda há a interação entre os participantes que se reencontram e pessoas que se conhecem pela primeira vez, onde conversam entre si e sobre experiências passadas e os processos terapêuticos vivenciados, fortalecendo os laços de solidariedade e a crença na eficácia do ritual. Nesse momento também é aproveitado para que participantes que vão comungar pela primeira vez preencham as fichas de anamnese e tirem dúvidas. A medida que vai se aproximando a hora marcada para o início, as conversações vão ficando mais baixas e cessando, a circulação também, até que o silêncio aos poucos vai tomando conta do espaço.

O dirigente se posiciona perto do local do fogo, onde passa os recados, que são avisos gerais para todos os participantes, referentes a organização do ritual, uso dos banheiros, limpeza do ambiente, destino correto do descarte das limpezas realizadas durante a noite, uso dos rapés, local para acendimento de velas, entre outros. As vezes um ou outro membro mais antigo da casa também contribui com algo relativo as normas, ou faz algum pedido para ser mentalizado durante o momento de concentração, que pode ser pedido de oração ou direcionamento de energia para alguém doente ou causa que queiram auxiliar espiritualmente. Há ainda a orientação para que não haja conversa durante o ritual com os demais participantes, pois isso pode interferir no processo interno subjetivo que está sendo realizado por aquela pessoa, e atrapalhar seu desenvolvimento e concentração, então se recomenda que se fique em silêncio e caso precise pedir algo procure outro participante que esteja com os olhos abertos, ou o voluntário da cerimônia. Normalmente cada cerimonia conta com um ou dois voluntários os quais tomam uma quantidade menor e ficam com a função de auxiliar os demais participantes, tanto em momentos difíceis, quanto a dúvidas ao lidar com os efeitos da bebida, também auxiliam na retirada de limpezas, as quais não são permitidas ficar no ambiente do ritual ou informações pertinentes ao ritual.

Feito isso, o dirigente chama todos os participantes que vem pela primeira vez e os reúne em espaço distinto dos demais, para fornecer orientações e explicações quanto ao efeito da bebida e funcionamento do ritual, explica sobre as possíveis sensações e sobre o apoio integral que podem contar durante qualquer momento da sessão, tanto dele quanto de qualquer outro participante que estiver por perto e estiver em condições de ajudar. Feito isso todos voltam a se reunir e tem início a sessão.

Antes de comungar ainda, são feitas leituras por cada membro de uma prece do livro de Preces Xamânicas da autora Alba Maria, a qual é sorteada ao abrir o livro, este gesto tem uma função próxima a um oráculo, contendo alguma mensagem para o momento da pessoa. Após esta atividade, é lida uma ou duas preces do Livro de Orações do grupo.

A seguir breve descrição da organização da cerimônia:

1. Preenchimento de fichas de anamnese;
2. Fogo é aceso;
3. Coleta do valor de contribuição;
4. Explicação para recém chegados sobre o ritual, a ayahuasca, rapé, sananga e tabaco, seus efeitos e formas de administração;
5. 21 horas: Início do ritual;
6. Defumação das pessoas e do recinto;
7. Ritual da queima do tabaco (cada membro recebe pequena quantidade de tabaco distribuída pelo dirigente, onde deve com reverência a planta pedir ou agradecer, posteriormente jogando no fogo, onde simbolicamente irá elevar a intenção feita);
8. Leitura de preces, versos xamânicos e leitura da consagração do aposento;
9. Ayahuasca é servida, uma pessoa por vez, todos esperam para consagrarem juntos;
10. Cessam as conversas e explicações, início das músicas, velas e lâmpadas de luz negra são acesas, e lâmpadas fluorescentes são apagadas;
11. Entre meia hora e 1 hora se iniciam os processos de purga;
12. 1 hora após o início do ritual, nova dose de ayahuasca é ofertada;
13. 3 horas após o início do ritual, se inicia a aplicação do rapé;
14. 5 horas após o início do ritual, se inicia a aplicação da sananga;
15. Ao longo da noite, doses de ayahuasca são ofertados sempre que o guardião nota diminuição da força;
16. 7 horas da manhã: encerramentos dos trabalhos;
17. Cada pessoa tem espaço para expor sobre suas experiências, esclarecimentos e para agradecimentos;
18. Leitura de preces e versos xamânicos;
19. Concentração (momentos em silêncio para agradecimento e direcionamento da energia gerada durante o ritual);
20. Confraternização (interação entre as pessoas com abraços e trocas de experiências);
21. Desjejum em conjunto.

Como exposto acima, no final são realizados os agradecimentos, onde é dado a cada pessoa a oportunidade de expressar, se ela assim desejar, o que ela sentiu aquela noite, alguns apenas agradecem pela oportunidade, sendo mais sucintos e outros explanam seus sentimentos ao grupo, é comum nesses momentos haverem revelações pessoais carregadas de emoção e até mesmo choro. Todos prestam atenção em silêncio a verbalização do outro e agradecem ao término da fala. Não há a interação ou contribuição nesse momento, apenas a partilha de sentimentos. Então, após as últimas preces e concentração, há o fechamento e término do ritual. Após acontece o momento dos abraços, onde todos os membros abraçam todos os membros. Posteriormente acontece o desjejum, com os alimentos trazidos por todos, geralmente são frutas ou produtos caseiros.

Exemplos de algumas das preces realizadas:

Floresta

Entrando silenciosa e respeitosamente em minha floresta interna, posso perceber delicadamente, cada árvore, cada pântano, cada clareia que povoa. Oh, seres da floresta, guiem-me amorosamente para que, em cada local dessa floresta, eu saiba parar, aquietar-me e reverenciar, agradecendo cada presente que me é dado. Prece Xamânica - Alba Maria

Simplicidade

O que é a simplicidade senão poder ver profundamente a gota de orvalho na flor que se abre, o canto do pássaro a despertar? Coração simples, metas profundas. Ser simples é poder andar pelas montanhas, florestas, cidades, palácios e perceber que nada nos pertence, somos peregrinos da existência. Prece Xamânica - Alba Maria

Poesia

Possa minha vida ser preenchida com a beleza da natureza. Em cada flor um abrir-se poético, em cada raio de sol, uma iluminação, em cada montanha, uma doação. Oh, Grande Espírito, ensina-me a métrica da existência. Prece Xamânica - Alba Maria

Querida e amada Madre Ayahuasca.

A você que expandiu minha consciência, que me deu a oportunidade de olhar para a única fonte de tudo em minha VIDA, que me deu acesso ao meu mundo interno, que me ensinou que escrevo a história de minha vida através de minhas próprias escolhas, que me entregou a chave para um conhecimento profundo de mim mesmo, que me abriu a porta que me leva até Deus, que me mostrou que não preciso ter medo da morte, que me ensinou que a única solução para tudo é o amor. Que segura minha mão rumo ao desconhecido, que ilumina meu coração e me afasta do domínio da mente. Você, que, com paciência e amor, me mostrou que minhas possibilidades são infinitas, que me abriu o caminho para que eu reencontrasse meus irmãos, que me devolveu o maior presente que eu poderia receber: eu mesmo! Que me mostra que sou a morada do divino, que me conecta ao coração de Gaia, que me liberta das ilusões, que compreende meus anseios, que sempre soube de meu potencial infinito. Que me mostrou que somos todos um! Que me ensinou que sou uno com Deus e todo o Universo. A você, grande Madre Ayahuasca, expresso minha eterna gratidão e lhe peço, humildemente, que continue a impedir que eu coloque obstáculos que me impedem de receber o amor de Deus. Em troca de todos os presentes que recebi de você, minha mãe, declaro que todos os meus sentimentos, palavras e ações serão guiados pela luz de minha consciência, que vi expandida através de seus ensinamentos para que seu trabalho não tenha sido em vão, mudo minha conduta neste exato momento. Determino que contribuo com o universo no que emito somente o amor que recebo a todo instante de você e de Deus. Que os instantes de gratidão, amor, paz e ternura que sinto ao entrar em contato com a sua energia perdurem por mais tempo em meu coração. Que eu seja um eterno instrumento para espalhar sua luz. A você, amada Madre Ayahuasca, meu sincero agradecimento!

Consagração Do Aposento

Dentro do círculo infinito da divina presença que me envolve inteiramente, afirmo: Há uma só presença aqui, é a da Harmonia, que faz vibrar todos os corações de felicidade e alegria.

Quem quer que aqui entre, sentirá as vibrações da Divina Harmonia.

Há uma só presença aqui, é a do Amor. Deus é o Amor que envolve todos os seres num só sentimento de unidade. Este recinto está cheio da presença do Amor. No

Amor eu vivo, me movo e existo. Quem quer que aqui entre, sentirá a pura e santa presença do Amor.

Há uma só presença aqui, é a da Verdade. Tudo que aqui existe, tudo que aqui se fala, tudo que se pensa é a expressão da Verdade. Quem quer que aqui entre, sentirá a presença da Verdade.

Há uma só presença aqui, é a da Justiça. A Justiça reina neste recinto. Todos os atos aqui praticados são regidos e inspirados pela Justiça. Quem quer que aqui entre, sentirá a presença da Justiça.

Há uma só presença aqui, é a presença de Deus o Bem. Nenhum mal pode entrar aqui. Não há mal em Deus. Deus, o bem, reside aqui. Quem quer que aqui entre, sentirá a presença divina do Bem.

Há uma só presença aqui, é a presença de Deus a Vida. Deus é a Vida essencial de todos os seres. É a Saúde do corpo e da mente. Quem quer que aqui entre, sentirá a divina presença da Vida e da Saúde.

Há uma só presença aqui, é a presença de Deus a Prosperidade. Deus é Prosperidade, pois Ele faz tudo crescer e prosperar. Deus se expressa na Prosperidade de tudo o que aqui é empreendido em seu nome. Quem quer que aqui entre, sentirá a divina presença da Prosperidade e da Abundância.

Pelo símbolo esotérico das Asas Divinas estou em vibração harmoniosa com as correntes universais da Sabedoria, do Poder e da Alegria.

A presença da Divina Sabedoria manifesta-se aqui. A presença da Alegria Divina é profundamente sentida por todos os que aqui penetram.

Na mais perfeita comunhão entre o meu Eu Inferior e o meu Eu Superior, que é Deus em mim, consagro este recinto a mais perfeita expressão de todas as qualidades divinas que há em mim e em todos os seres. As vibrações do meu pensamento são forças de Deus em mim, que aqui ficam armazenadas e daqui se irradiam para todos os seres, constituindo este lugar um centro de emissão e recepção de tudo o quanto é Bom, Alegre e Próspero.

Apêndice C – Transcrição de Dados coletados

Transcrição Áudios Primeira Roda de conversa 18/03/2018

Sanã-Vermelha (pesquisadora): Agradeço a colaboração de todos para o desenvolvimento do projeto e que quiseram colaborar com ele, vou deixar aberto para todos que quiserem falar o que sentem acerca da experiência, sobre a contribuição da experiência coletiva. Então vou começar a falar sobre uma característica que eu senti que é muito importante que é o acolhimento do grupo, que foi a primeira coisa que eu mais percebi quando eu cheguei no grupo, muito amoroso, muito carinhoso, te sente em casa, em família, diferente de outros lugares que comungam as medicinas.

Corruíra: é como uma extensão da nossa vida familiar com nossos parentes de sangue, é algo que não temos no dia-a-dia com as outras pessoas que estão ao nosso redor, na faculdade ou no trabalho, como se fosse os seres humanos que éramos antes de entrar para cá, sempre com um pouco de arredo ao abraço, ao sorriso as pessoas... Então, quando a gente chega aqui e tem todo esse acolhimento e amor transbordante que inunda o nosso ser, você acaba se tornando uma outra pessoa, você acaba voltando as questões de amor e afeto com todos e não só com nossos familiares ou companheiro ou companheira em casa... Lá fora, antes a gente sempre olhava as pessoas com algum certo tipo de desconfiança ou distanciamento, como se tivesse um escudo que nos separava, então é como se tirasse um véu, uma barreira do contato do gostar, do amor com a pessoa.

Sanã-Vermelha: Quando somos crianças não agimos assim, mas à medida que crescemos é como se perdêssemos todo aquele estado de espontaneidade de amor, e com essas vivências é como se voltasse aquele estado de alegria de estar numa sintonia mais leve...

Corruíra: Durante o crescimento a gente é moldado pela sociedade vigente e por tantas outras coisas, não é, não acho que seja um erro de criação dos nossos pais, pois eles também foram criados dessa forma, mas a questão de sempre: - Ah,

cuidado com isso, cuidado com aquilo... O individualismo... Mas que nós sejamos com nossos filhos de uma forma diferente (...)

Juruviara: E com as pessoas à nossa volta tentar contagiar as pessoas, que às vezes não estão tão abertas assim como nós também não éramos tão abertos... Da gente ir tentando aos pouquinhos, sendo mais carinhoso as pessoas, se desarmam. E ir tentando adentrar no universo daquela pessoa, dentro da nossa própria casa inclusive.

Tucanuçu: Uma coisa que eu sinto muito aqui, é às vezes uma pessoa que tá do teu lado que tu nunca viu e que tu não conhece, te alcança uma água e a pessoa já fica teu amigo o resto da noite, ou se ta andando lá no campo assim (...) Uma conexão.

Sanã-Vermelha: Assim que as crianças fazem amizade (risos), ela só chega e pergunta: - E aí, quer ser meu amigo? (risos)

Tucanuçu: Sim, já seguem brincando...

Beija-Flor-Dourado: Quando eu cheguei aqui a primeira vez foi muito marcante para mim essa questão da infância, porque de repente eu estava aqui na força, e olhei para todo mundo e estavam todos naquela mesma conexão, se divertindo, se amando e tive uma pequena epifania, pensei comigo, quando eu era criança e ficava querendo brincar com os meus primos de cabaninha, construir a cabaninha e entrar para dentro, na verdade o que eu estava querendo era ter essa experiência, querendo repetir essa experiência de coletividade, de comunhão, e quando eu brincava eu não consegui exatamente concretizar isso, porque a graça era montar a cabaninha e entrar para dentro, e ficava 5 minutos e pronto (risos), mas aqui parece que a gente realmente brincou na cabaninha (risos), e isso realmente mexeu com a minha estrutura emocional, histórica, sensível, profundamente e me curou e começou a me abrir para eu perceber que eu poderia resgatar quem eu sou, que a criança que eu fui, ainda existe, essa fé esse desejo de estar em comunhão, essa amizade pura, ela ainda existe, e aqui eu consegui ter uma luz, pessoas que me ajudaram a perceber que eu poderia reencontrar, e é maravilhoso isso...

Sanã-Vermelha: Se tu quiser falar um pouco da tua trajetória...

Beija-Flor-Dourado: Nossa está sendo, por que eu cheguei de um jeito e eu já não estou mais desse jeito que eu cheguei, já estou de outro jeito, e o grupo acompanha isso, não é uma história só minha, e o grupo acompanha a evolução. De repente eu chego aqui e as pessoas olham e compartilham o que elas estão vendo de transformação minha, e isso me ajuda a completar o quebra-cabeça do que está acontecendo. Então se alguém me diz: - Nossa, você está diferente! - Olha isso! - Olha aquilo! Ou então, se eu estou muito perdida e aí vem uma pessoa que tem mais experiência e com todo carinho e me diz: - De repente, se você se conduzir mais para lá, já parece que me dá um reajuste nas coisas, então, quero dizer a que a gente está num processo de constante transformação, e esse processo flui muito em função do grupo, pois o grupo, as pessoas vão renovando a energia, e vão te levando como correnteza mesmo... Coisas que sozinha eu dificilmente conseguiria atingir nesse tempo, com essa intensidade, é um tempo curto.

Sanã-Vermelha: O quanto que a gente se constitui também a partir da visão do outro, alguém faz um comentário sobre ti, e tu percebe a mudança que tu queria realizar esse está sendo percebida pelo outro.

Juruviara: Uma coisa que me chama atenção que a gente consegue assim né, ajudar os outros, acolher os outros nas mínimas coisas assim, num sorriso, num olho no olho, coisas básicas assim, que vão se perdendo na nossa vida em sociedade, e que as pessoas aqui valorizam, as pessoas falam assim: - Ai tu deu um sorriso para mim no momento que eu estava precisando! Sabe, coisas que são tão pequenininhas, que assim no dia a dia passa tão batido, e aqui a gente recupera a grandiosidade dessas coisas...

Pardal: Eu sinto também, pelo menos assim nessa questão da troca de sorrisos e de cuidados, pelo menos, eu sinto uma empatia sincera que não tem em outros lugares, eu acho que até isso, completando o que as outras pessoas disseram, parece que a gente trabalha uma questão de amor á pessoas desconhecidas, e a gente exercita e isso na hora do abraço. Eu sou uma pessoa mais tímida, introspectiva assim, mas aqui a gente se sente totalmente acolhido e

parece muito empático assim, porque tu vê aquela pessoa está fazendo um trabalho, e tu já passou por algo parecido, e quando a gente dá um sorriso, tu alcança uma coisa que a pessoa sabe que está precisando na hora, e aquilo volta para ti em outros momentos. As pessoas te ajudam e é uma empatia muito sincera, tu consegue se colocar no lugar dos outros aqui, e isso faz com que a gente seja tão bem acolhido eu acho.

Sanã-Vermelha: É como se fosse um exercício repetido várias vezes, que às vezes fora quando está no dia a dia nem sempre a gente alcança, e isso de se exercitar com os outros.

Pardal: Aqui a gente conhece as pessoas e tem esses sorrisos, mas no dia a dia eu não sei se eu olho para todo mundo e sou da mesma forma tão aberto, claro que isso é um exercício que eu tenho que trabalhar, mas o local nos deixa muito propício a trabalhar isso...

Juruviara: É que aqui não temos tanta necessidade de aprovação dos outros, porque lá fora as vezes tu pode sorrir, e a pessoa ficar: - Que isso?! Essa pessoa tá louca!? ou – Ai, é simpática demais, etc. Sempre tem alguma coisinha, e acaba que isso vai nos podando.

Corruíra: Então no último ano praticamente eu fui tido como louco, por que eu dou bom dia sorrindo até para pessoas que eu não conheço, que eu passo no corredor dou bom dia (risos)...

Petrim: Eu fui testemunha na nossa viagem, lá no pedágio: - Bom trabalho! E aquilo transborda a pessoa.

Corruíra: A pessoa tá trabalhando o dia inteiro, o nome dela está na plaquinha ali, ou seja já dá um bom dia chamando pelo nome, torna pessoal...Depois ainda: - Um bom trabalho, boa noite...

Sanã-Vermelha: E tu nota que a pessoa que recebe esse cumprimento assim, é um misto de surpresa e felicidade, tipo: - Olha, essa pessoa ela tá feliz (...) Porque é uma coisa no dia ou na semana que alguém abordou ela dessa forma...

Caneleiro-Verde: Ou nunca, porque a gente tava conversando assim, quando deixamos de ser criança e nos ensinaram as coisas de como funcionavam, talvez nunca teve alguém que olhou ela no olho e deu bom dia e agradeceu de coração pela coisa mais simples que seja...

Petrim: É a estrutura toda do sistema que tem criado em cima delas, e elas abrem o coração e recebem.

Caneleiro-Verde: às vezes é uma brecha para que a pessoa tem de analisar e de entender o que ela está vivendo e o que ela está trazendo para dentro da família dela, para as pessoas que ela convive, o que ela está cultivando... Se eu quero tomate, eu tenho que regar tomate, se eu quero felicidade eu tenho que regar a felicidade, ela não vai crescer sozinha.

Pi-Puí: Eu acredito muito que é um ciclo de amor, e quando tu dá esse bom dia ou boa tarde é como se tu tivesse convidando ela para entrar nesse ciclo, a pessoa recebe aquilo, e percebe, tem algo diferente aqui, quando a gente passa isso, está alimentando e expandindo. Como até o próprio Petrim falou mais cedo, o ódio também é um ciclo vicioso e quanto mais tu pública isso mais vai alimentando esse ciclo.

Corruíra: Normalmente é o que cresce mais se a gente for pensar.

Sanã-Vermelha: Às vezes eu imagino o sítio, quando eu conheci a ayahuasca, foi um encanto né, queria toda hora e ficava pensando, quando conhecia outras pessoas que já tinham passado por aqui, e não estava frequentando tanto quanto, eu ficava pensando porque que eles saíram? aí até que eu comecei a pensar que é como se o espaço funcionasse como um laboratório, tu chega de uma forma, entra num processo bem forte acerca de ti mesmo, e depois disso talvez tu vai diminuindo a frequência, ou talvez vai para outros centros ou linhas religiosas ou

espirituais, ou venha uma vez no ano ou duas, e levando essa pessoa que tu lapidou aqui dentro...

Corruíra: Eu sou das exatas, químico. Sempre fui uma pessoa muito cética, não acreditava em nada, para mim não existia nada além dessa vida material que nós vivemos aqui, mas aí eu comecei a ler sobre as medicinas, as questões científicas, comecei a ver que tinha algum caminho alguma coisa que eu encontrasse a base científica para poder querer sentir o que era, e na verdade o que acontece nosso cérebro a minha visão assim de cientista, nosso cérebro é eletricidade biológica, e a eletricidade, a gente sabe que geram campos magnéticos, a medicina já tem essas comprovações das áreas do cérebro que ficam ativos quando você comunga medicina, e ficam muito ativas como nunca se viu interagindo, e cada vez quando o fluxo de energia é muito maior, esses campos magnéticos mais elevado quando crescem e encontram outra acontece o que? Troca de informações. Então, acho que é essa a conexão que nós temos, onde a gente flui esse amor nessa corrente. E você sentiu a empatia. Essa é minha visão de cientista. E aí, nós transbordamos esse amor aqui, a medicina trabalha para a gente, e a gente leva a isso tudo para fora, e é taxado de louco, mas prefiro ser taxado de alegre do que de rabugento, ou ficar remoendo alguma coisa internamente que depois vai ter uma expressão física muito ruim como alguma doença.

Caneleiro-Verde: Achei muito interessante o tema que fala da saúde integral, a gente aprende a usar o que a gente chama de meridianos no corpo, onde a energia flui, a gente aprende a sentir e a usar isso para o bem-estar da sociedade em geral, então onde eu estou, eu emito essa energia de paz, amor, para quem quiser receber e é muito interessante, por quê não só essa forma mas o Reiki também e outras formas de se usar a energia, por isso que aqui para mim, não é o estágio, mas uma faculdade, um PHD (risos), a gente cresce aqui dentro. chegamos no maternal, engatinhando e seguimos

Sanã-Vermelha: Lembrei de perguntar uma coisa: - Todos vocês já eram familiarizados com outras formas de terapia energética, terapias alternativas no geral?

Corruíra: Nem preciso dizer que meu ceticismo acabou com as coisas que as medicinas me mostrou, os lugares que ela me levou, o que ela me proporcionou, o véu e o muro de chumbo de um metro de diâmetro que ela tirou da minha frente, meu ceticismo acabou, a partir das minhas experiências com o grupo com certeza.

Caneleiro-Verde: Eu percebi que muito disso que existia quando eu estudava química e física, eu consegui entender que tinha muito mais coisas acontecendo que só eu aqui, mas eu me enxergava como esse eu que tenho essas limitações, estou fazendo essa vidinha aqui, não estou conseguindo as coisas que eu tenho que fazer, e tinha que mudar mas eu comecei a ler, mas ler só não adianta, porque tu tem que sentir e esse é o ponto.

Beija-Flor-Dourado: Quando eu cheguei aqui, eu já tinha tido contato com algumas terapias, alguns cursos de reiki, Conheci um pouco de astrologia e tarô, e eu acreditava nessas coisas e procurava elas, mas eu devo observar que essa busca antes do chá era um pouco superficial, eu não estava exatamente entregue para aquilo, era um frisson, algo que parecia bonito, que parecia encantador, mágico, mas ainda era muito superficial eu não entendia, era tudo muito teoria e eu não sentia, e não sabia manipular aquilo, até o Reiki que é mais fácil no fundo no fundo eu duvidava que funcionava. Quando eu cheguei aqui no meu primeiro ritual eu não lembrava os símbolos do Reiki, Mas pensei: - Reiki! E eu sentia que eu estava sentindo Reiki mesmo, e depois disso eu procurei um espaço que eu pudesse me aprofundar isso, e hoje estou trabalhando com isso mais intensamente, e podendo trazer para minha vida cotidiana e eu percebi que tudo que eu sabia sobre terapias antes era só livro e agora eu comecei a vivenciar algo.

Petrim: Eu ouvindo relatos de cada um de vocês com os olhos fechados, passando o filme do início do grupo 8 anos atrás, e aí foi se aprimorando, se afinando, se limpando, e foi despertando a criança que todos nós somos, e quando nos encontramos agora, nós somos a verdadeira criança que está dentro da gente, que eu jamais deixei de ser, e eu sempre falo que jamais se deve perder o sorriso e a criança que a gente tem dentro, aí a gente é verdadeiro. E essa medicina nos abre, nos abre mesmo para o caminho do amor, do coração, de ajudar o próximo, um sorriso, no olhar, um abraço, numa oração, a gente tá ajudando, curando muitos,

é muito muito muito infinito esta medicina. Às vezes eu me sinto meu ser verdadeiro, não esse Petrim aqui em matéria, e isso me realiza, me dá força para cada vez mais me lapidar, e essa caminhada minha, vem desde os anos 70, me lapidando, sempre acreditando no caminho do coração, e hoje nasceu (...) sou apenas um instrumento, aqui tudo que acontece, essa Sagrada Medicina, essa planta de saber, que nos dá entendimento, a clareza, e todas as egrégoras de luz que foram criadas aqui, ou que já estavam aqui, a gente estava na cidade e simplesmente quando nós vimos, nós estávamos aqui sem força nenhuma. E aí abriu esse espaço para todos vocês.

E é muito divino ver a transformação de cada um, porque não adianta a gente tomar o chá e não pôr em prática já vários passaram por aqui, que só tomavam o chá e não colocavam em prática e que acabaram se excluindo, e essa medicina a gente tem que ter clareza de mudança, senão não adianta nada.

O que a gente encontra aqui, a gente sempre procurou em outros lugares e em lugares errados, achando que ia encontrar o que se encontra aqui, e hoje somos abençoados em ter esse espaço compartilhando com vocês energia, essa pureza, e cada vez me dá mais força, mas divindade, caminho do coração, esse é o verdadeiro caminho, vem se desestruturando de tudo, se desconstrói, esse tem tudo...

Eu ando lá no sistema e não me abala mais, vou lá olha parece um filme para mim, as pessoas vão se aproximando às vezes conversam comigo, que nem quando nós trabalhava no centro e elas compravam um artesanato, uma pulseira, uma coisa e aí começaram a abrir o livro da vida delas: - Eu não sei o que que houve, estou abrindo a minha vida para o senhor, mas tô me sentindo tão bem, tão leve...

Então, a gente estando dentro do sistema, mas não sendo oprimido por ele, a gente se toma um ser verdadeiro, e eu sempre acredito embora as religiões, desde criança nas religiões que me levavam na minha família, aquela criança que a gente vem para terra para sofrer cada vez eu tenho mais entendimento que a gente veio para ser feliz neste planeta, e curar e ter esse amor, todos nós no fundo estamos resgatando o que milhares de anos, talvez até nós estivesse junto, esse ser divino, nessa pureza que a gente vive aqui, e essa medicina me mudou muito.

Eu já achava que estava no caminho do coração, mas depois dela eu vi que eu estava engatinhando, e cada vez eu quero me doar mais, mais, mais e mais e é o que a gente leva da vida, o amor, a paz, o carinho, a luz, a vida, de tudo que a gente vive com todos e se conecta de com nós de coração a coração.

As vezes em algum trabalho assim, eu olho e vejo uma energia que é um fio todos nós ligados, é tão divino, são raras vezes que me mostra isso.

Corruíra: Aproveitando o gancho do Petrim falando mais um pouco sobre a minha iluminação diríamos assim, (risos) eu lembro de começar a vir aqui e não entender muito bem as coisas que a medicina me mostrava e um dia durante um trabalho uma irmã que chega e fala as coisas para ti olhou para mim era o primeiro trabalho que eu estava com ela e ela simplesmente olhou para mim falou: - tu tens que deixar de agir com a razão e agir com o coração. Aquilo ali foi algo que como se fosse uma explosão porque ela não me conhecia eu sempre fui uma pessoa que sempre segui a razão, o coração era sempre de lado, embora às vezes eu sentisse o chamado, e a partir dali tudo mudou porque eu deixei me entregar, me entreguei ao chamado do coração e aí foi quando tudo mudou.

Antigamente antes de eu começar a ler as coisas, eu acreditava só nessa existência aqui, do pó ao pó, só um ser material e pronto, e hoje eu não vejo assim essa questão de energia não acreditava nisso não entendi isso como sendo algo espiritual.

Sanã-Vermelha: Todos vocês acham que aconteceu isso? essa mudança de paradigma de crenças? ou já estavam familiarizados?

Sabiá - Laranjeira: Eu sempre fui muito cético, a vida inteira eu não tive nenhuma ligação com religião por não concordar com as coisas que são impostas em igrejas e coisas que a gente vê, e que o via na minha família, familiares que eram ligados à igreja, e eu não concordava com muitos fatores daquilo, e isso me levava a não crer em muitos fatores que eram ali expostas.

Mas eu sempre fui muito ligado à questão energética, sempre acredito até que o próprio deus seja ele hindu ou católico, nada mais é do que essa energia personificada em algo palpável, que as pessoas precisam pra que elas possam ver para crer, e isso eu acredito que com o tempo acabou sendo levado para a sociedade de uma forma que perdeu seu sentido.

E pelos caminhos da vida eu acabei encontrando o que hoje é minha religião que são os festivais de trance, eu tenho uma ligação muito forte com a música e lá é o lugar que afluía toda a energia que eu tinha dentro de mim assim sabe, me

trazia muito sentimento bom onde eu senti aquele sentimento de plenitude: - Eu estou aqui, tenho tudo que eu preciso, do bem...

Lá foi um lugar que me aflorou essa questão da energia me deixou nítido, que olha isso aqui existe, a coisa além do visível, porque eu estando lá eu estava em um outro nível de consciência que eu não encontrava em qualquer lugar, e devido a esses aspectos quando eu fiquei sabendo sobre as questões do ritual, através de uma amiga minha, ela disse não vai ter ninguém te dizendo o que tu vai ter que fazer, o que tu vai ter que acreditar, mesma coisa que eu tenho lá na minha pista de trance, quando eu estou ouvindo a música, aquilo ali que eu estou sentindo, muita coisa que eu preciso ouvir, que eu preciso sentir, entendeu, são lugares diferentes, são coisas diferentes, mas no final é a energia que tu sente, e o que que isso vai te transformar. Então até hoje eu tenho essa mesma questão em frente às religiões mas eu tenho essa crença muito grande em questões energéticas.

Sanã-Vermelha: Não sei se tu concorda mas talvez assim como nos festivais e aqui são lugares que estão dentro de uma outra configuração de ideal social, talvez não sei se o Petrim vê alguma semelhança com o movimento da contracultura dos anos 60 e 70? Semelhança de valores que existe como por exemplo que acontecem aqui no espaço e com os festivais?

Petrim: Sem dúvida! foi no início da era de aquário onde respingou em muitos aqui no Brasil e eu recebi uns pinguinhos e rompi com tudo para seguir o caminho do amor e vem a ser a trajetória toda e hoje tem esses festivais que mantêm viva essa energia e esses festivais vieram assim de um lugar muito espiritual, muito espiritualista mesmo e a intenção dos primeiros festivais era essa transcendência, essa pureza, esse amor, na Índia em Goa lá que nasceu... Naquela época eu queria e tal, me chamava aquilo ali, depois de muito tempo tive contato.

Eu nunca fui cético devo muito a minha amada avó que me criou e ela sempre me mostrou naquela época quando alguém parte sempre colocava um luto, vestia todo de preto andavam com um pedacinho de pano preto na roupa, e ela me dizia o dia que eu partir, tu não deixa de fazer as suas coisas, vai a tuas festas, faz o que tu quiser, continua tua vida porque o sentimento tá dentro, quando a gente tenta expor, no meu entendimento gente está sendo falso, porque o sentimento a gente não precisa expor na matéria, assim roupas...

Corruíra: Voltando a falar o Sabiá - Laranjeira falou das religiões, o ceticismo que eu tinha veio muito em função das religiões porque a minha avó era de descendência alemã e ela me levava na Igreja Luterana da qual até foi instrutor das crianças de culto infantil. Mas só com aquilo que eu trabalhava com as crianças não era bom, Por que era o Deus da punição, do julgamento, isso foi muito rápido, depois eu fui mais algumas vezes por questões familiares na adolescência, e foi isso que me levou ao ceticismo, Por que tanto a Luterana quanto a católica trabalham com o Deus da punição, e agora as neopentecostal que além do julgamento tem a questão mercantilista envolvida, por isso eu sempre fui muito cético e me afastei da questão espiritualizada.

Petrim: eu não conseguia entender quando eu era criança a minha avó me levou para um centro de Umbanda me batizou lá me colocavam a girar lá, me dava tontura e não acontecia nada, e depois na Católica, primeira comunhão, uma velinha na mão indo para o padre pedir benção e confessar com o padre, quando criança não conseguia entender aquilo tudo. E aí fui me desapegando disso tudo, respeito todas as religiões porque muitos precisam dela.

Juruviara: faz parte do processo comigo por exemplo minha família é católica tem que rezar antes de dormir só que eu nunca senti assim eu achava que eu tinha fé mas aquilo foi colocado na minha cabeça e depois assim comecei a flertar com o espiritismo mas também não era aquilo ali assim e até tomava passe de vez em quando vou mas também tem aquilo ali que te guia.

Petrim: Mas ainda é o mais aberto de todos

Juruviara: E depois assim, quando a minha mãe faleceu que eu tinha 15 anos, no auge da adolescência eu parti para o ceticismo, não conseguia compreender aquilo que Deus quer fazer, isso de levar a minha mãe, uma pessoa tão boa, aí eu me entreguei, me afundei no ceticismo, negatividade, me afundei assim dos meus 15 aos 20 anos, eu era muita depressão e se eu conseguia encontrar refúgio em álcool e festas, e eu vim aqui porque eu não tinha nada a perder. Nunca tinha tido contato com as medicinas, nunca me interessei, aí as minhas amigas vieram e sentiram que eu estava precisando, me chamaram e eu vim como a minha última

cartada para sair do buraco que eu tava. E aí encontrei e tudo fez sentido assim, foi muito bom para mim.

Sanã-Vermelha: E como era antes em relação as questões de Terapias holísticas energéticas?

Juruviara: Eu sabia assim que existia, mas não me interessei em me aproximar até porque eu sou touro com capricórnio sou terra e terra, sou muito aterrada, muito apegada a isso aqui, então nunca me chamou atenção assim, só me chamou atenção depois aí eu comecei a vivenciar além disso aqui, aí para mim começou a fazer sentido.

Corruíra: Agora tava pensando uma coisa a minha mãe sempre foi uma pessoa muito espiritualizada, médium, sentia e sente as coisas que estão por acontecer os sonhos sentimentos bons ou negativos e meu ceticismo era um ceticismo negado pois eu tinha medo de conhecer esse lado espiritual tinha medo do que eu poderia encontrar do que podia ver do entendimento acho que é isso.

Caneleiro-Verde: Eu comecei esse contato com essas terapias quando eu era criança minha avó me servia chá de uma forma muito diferente e a forma como eu tomava também era diferente ela tinha muitas dores nas costas e eu aprendi de uma forma que hoje eu consigo explicar que é ajudar a pessoa através da forma física encontrar a dor. Na adolescência eu também neguei tudo e passei por esse processo e a minha avó sempre me disse tu tem que trabalhar sua mediunidade e trabalhar a mediunidade tem a ver com tudo isso aqui e tem a ver com sair do buraco por que eu alimentava de certa forma o buraco que era o reflexo do que eu vivia dentro de mim.

Juruviara: Sim tu te identifica com aquilo: “- Eu sou assim.”

Caneleiro-Verde: Os guias me disseram algum tempo atrás que uma coisa que transcende o espaço e o tempo é o amor, porque a quantidade de energia que pode passar por esse espaço é muito grande e o jeito de compartilhar isso com algumas pessoas tem a forma de compartilhar a nossa experiência atemporal com

elas às vezes é um reiki, que às vezes é um olhar, e às vezes é um sorriso que tu emite tudo que tu sente nesses momentos eu tinha uma ideia assim da maneira como eu poderia estar no futuro, tive uma experiência com o chá que onde foi me fez perceber que eu poderia ser o eu que eu sou hoje.

Petrim: Sou reikiano, tentei a meditar com o Budismo e não consegui me adaptar por regras e vivências, me sentir desconfortável e hoje em dia eu tenho uma clareza que meu esoterismo é a mãe natureza, ali eu me encontro às vezes eu entro para mata, me sento lá me conecto e fico enviando energias, vibração lá na floresta tomo meu banho lá, e de envio minhas energias e de uma certa forma chega, e também quero falar aqui no xamanismo a gente tem que ter muito cuidado por quê tem muitos institutos xamânicos que trazem ainda resíduos de linhas católicas ego deles, então aí não deixa a gente ser pleno, como vai entrar de uma alta expansão para se autoconhecer para se entregar para o ser vivo que tem dentro da gente com olhares fulminantes...mas entendo também que eles não tem culpa que elas vieram com essa carga e eu agradeço muito por ter esse olhar além, esse o que é o (...) que eu sempre acreditei que a doutrina não vem de fora, ela sai de dentro para fora... Até hoje eu abracei alguém, e ainda comentei poxa vida todos nós estamos doutrinadas sem doutrina, nós tava tudo no maior amor, na maior pureza, essa é a verdadeira doutrina que eu entendo.

Sanã-Vermelha: Alguém agora atualmente participa de outra linha espiritual ou religiosa todos tiveram uma mudança de paradigma de crenças em relação a como enxerga o mundo?

Caneleiro-Verde: Mas eu passei por esse período de negação pois eu comentava as coisas com as pessoas elas ficavam me olhando com cara de louco, era outro mundo aquela época e hoje em dia para mim no meu dia a dia é normal assim meus amigos da faculdade olham para mim e falam: - Lá vem o (...), que só se alimenta de luz... Mas de uma forma muito amorosa assim, eu me sinto lisonjeado, hoje em dia é normal, mas até foi um processo de aceitação muito grande, muito difícil.

Sanã-Vermelha: E até de tu entender isso de uma forma não ruim vai muito da forma como tu encara o que as pessoas comentam em relação a ti né, é o modo de se colocar.

Caneleiro-Verde: E eu pensava como eu irei trabalhar minha mediunidade vou ter que ir no centro espírita toda hora, porque quando eu ia no centro espírita, quando criança eu dormia, mas quando voltava sentia muita paz assim sabe conseguia me manter.

Sanã-Vermelha: Parecido com aqui às vezes a gente Dorme durante um trabalho mas ao mesmo tempo não é só dormir. O que vocês acharam da roda de conversa?

Petrim: Eu achei divino e achei assim o quanto que acrescenta para nós tudo o que houve agora, fortalecimento de todos nós e contribui para o ritual sem dúvida.

Sanã-Vermelha: Porque às vezes a gente até troca durante o ritual mas entra em questões de composição das crenças da história espiritual, emocional... Por que temos inúmeros estágios e às vezes tu entra dentro de cada um cada fase daquela pessoa o que viveu.

Pardal: Acho muito legal fala sobre isso eu tema saúde integral porque as pessoas estavam falando sobre como ela se conheceram tiveram essa mudança de paradigma de crença, de acreditar e eu acho que uma das coisas que fortaleceu a minha crença aqui e nas medicinas sagradas, tomei um rapé assim, foi o contato que eu tive com pessoas que tavam verdadeiramente doentes, e tipo a mudança que isso trouxe, eu sempre digo que eu quero trazer meu irmão aqui não tive oportunidade ainda pelo fato dele tomar alguns remédios controlados, aí mais difícil, tem que fazer uma limpeza... Mas nossa no último ano, que foi quando eu tive contato com ayahuasca, foi quando eu tive uma das fases mais difíceis com ele, e só o contato que eu tive aqui, e o que eu pude levar para casa, e o que ele teve até com rapé, que eu apresentei a ele e da mudança de energia assim que eu tive, eu já vi uma mudança muito grande nele... Então acho que também foi uma das coisas que fez eu mudar de paradigma, deixar de ser descrente, ou cético, foi ver como

todo esse caminho aqui muda realmente as pessoas que precisam... Nossa, isso é muito forte assim, e acho que é por isso que é importante a gente ver também as medicinas sagradas, ayahuasca e as tradições ancestrais como forma de saúde integral.

Caneleiro-Verde: na minha concepção tudo que a gente experimento no corpo é o reflexo da energia, das faltas que a gente tem como a gente interpreta o mundo às vezes falta um abraço, oferecer uma palavra como a ação, como não há julgamentos aqui, cada um no seu tempo, mas eu entendi que eu não posso julgar.

Juruviara: Eu notei o contrário, isso de vocês que vocês são a pessoa que tem alguém doente na família, no caso eu era a pessoa que estava doente, não chegava a ser de tomar remédio tomei uma época, mas eu vivi isso das pessoas comentando isso da minha família sobre mim sempre ressaltam para mim o quanto eu melhorei e tô melhorando e isso é importante também

Sanã-Vermelha: E como tu te sente com esse feedback?

Juruviara: Eu sinto que mais gratificada ainda pois não é uma coisa só para mim além de ser maravilhoso para o meu pessoal é para todas as pessoas que estão na minha volta que me amam também.

Sanã-Vermelha: Às vezes parece que o outro perceber a firma mais ou concretiza não que a gente precise da percepção do outro mas é que às vezes dá um click diferente o outro comentário.

Juruviara sim quando a gente se sente bem a gente quer levar isso para as pessoas então saber quando a gente consegue é maravilhoso.

Caneleiro-Verde: o reconhecimento Energiza a gente.

Tucanuçu: O legal que é muito especial do chá ele te ensina coisas que são simples que a gente já haveria em teoria mas parece que a gente vai perdendo o contato com o tempo como o amor paz em teoria são simples é duro trabalhar isso

no dia a dia e como isso não é uma doutrina como um livro que diz que todo mundo tem que ser aquilo uma outra religião cada um aparece de um jeito com base no que tu é e tu vai entrar em contato com o chá e acho que a promoção está muito nisso do pós o que que tu vai fazer com isso e como isso é único para cada um sei lá pode vir 30 vezes e ter um processo e vir uma e ter muita coisa é o que tu faz com aquilo.

Sanã-Vermelha: E como que tu vai integrar todas essas áreas.

Tucanuçu: Sim.

Sanã-Vermelha: Então queria agradecer a todos que deram suas elaborações e percepções muito bonitas, já expliquei como que vai ser nos próximos, se vocês tiverem e poderem participar de novo. Muito obrigado a todos.

Fim transcrição Primeira Roda de Conversa.

Transcrição Áudios Segunda Roda de conversa 30/03/2018

Sanã-Vermelha: Então vou só dar uma explicada sobre o projeto, o objetivo geral dele é compreender de que forma que o ritual vem contribuir na saúde integral aqui desse grupo e conhecer os processos subjetivos que acontecem e os coletivos que são produzidos a partir do uso ritual e das experiências que a gente tem com o chá, e sublinhar aquilo que a gente considera que foi terapêutico pra nos de alguma forma, desde própria medicina, ou pode ser um abraço, uma palavra de alguém, ou o Reiki, e como que a gente vê a nossa própria experiência né, a experiência do outro... Ai na semana passada os temas que foram falados eu vou dar uma passada, uma parte então foi de como a gente vê o grupo e como o grupo nos afeta, foi falado sobre as características do grupo, o sentimento de acolhimento, sem julgamento, exercício de coletividade, cuidado com o outro, mesmo que desconhecido. O grupo fornece apoio e suporte, o impacto que as outras pessoas tem na nossa história pessoal e no modo como a interpretamos. Dentro do grupo também se nota as diferenças em sí mesmo.

Na parte de mudanças individuais, aumento de humor positivo nas relações diárias, e muitos comentaram que a participação no grupo levou a modificações de

comportamento e crenças, aumento de uma atitude mais compreensiva e tolerante, valorização do ser humano, como a sua crença individual foi transformada, despertada ou potencializada a partir da participação aqui.

Esses formam os temas que forma mais falados, se alguém quiser comentar a partir de algumas dessas coisas, não precisam se basear nisso, pode ser o que vocês sentirem de comentar.

Andorinha: Queria dizer que essa vinda para o xamanismo ajuda muitas pessoas no sentido de que começa a perceber, que a nossa saúde física ela é muito mental, a gente começa a ter uma visão mais psicossomática do corpo e mente, são um todo, não é um separado de nada, o nosso estado mental é que muitas vezes influencia o estado físico, nossa saúde hoje em dia, tem muita pesquisa que mostra que muitas pessoas tem câncer por conta de estresse emocional. Então eu acho que essa nova visão das coisas mais holísticas, de que tudo está conectado, está interligado, nos faz posicionar na vida de outra forma, encarar as doenças de uma outra maneira, de uma outra perspectiva que antes era muito e biológica orgânica e hoje em dia a gente começa a entender que não é só isso, são os nossos hábitos alimentares etc, e a grande influência a nossa mente em relação a como a gente se posiciona em relação à vida, e eu acho interessante colocar isso, porque a ayahuasca nos mostra quando a gente está na expansão, percebemos que o nosso estado mental que influencia no que a gente tá pensando, como a gente está se sentindo, em que vibração a gente se coloca no pensar, é isso que eu queria colocar, e o que mudou muito na minha visão assim em relação à saúde de todos os aspectos, porque o que é saúde ? é tudo. É uma visão total de tudo, não tem como você separar físico, mental, sociedade também.

Sanã-Vermelha:: É que a gente veio criada a partir do paradigma da ciência, bem biológico, orgânico.

Andorinha: Cartesiano.

Sanã-Vermelha:: É isso, cartesiano. E de alguma forma todas essas filosofias dessas tradições não ocidentais trazem tudo de uma forma muito integrada, então

estudar essas filosofias seja dentro do xamanismo ou outras linhas, contribui para ampliar a nossa visão que a gente tem.

Sabiá: No meu caso eu quando conheci aqui, eu tava em um processo, tanto eu quanto minha namorada, a gente tava num processo de muito desencaixe com a sociedade atual, essa coisa que a gente fala do despertar, para mim foi muito evidente, e ao mesmo tempo eu não sabia muito bem que era, porque quando tu começa a se relacionar com outras amizades, e começa a ver que tu já não se encaixa mais dentro daquela conversa jogada fora, uma bobagem dita dentro de um preconceito disfarçado, dentro de alguma coisa que tu já não tá mais te encaixando no que a sociedade faz ou pratica como comum, e tu começa a ver que tu tá diferente, e quando eu vim para cá eu era super cético, eu era ateu, não acreditava em nada e só que eu dizia : - Eu só vou acreditar, só vou conseguir acreditar em algo se eu sentir muito, se eu ver alguma coisa, porque para mim eu tinha que racionalizar tudo, tinha que ser muito racional, só que quando eu vim para cá, a primeira vez tudo caiu por terra, porque a gente entra numa conexão tão grande com todo mundo, numa ajuda tão mútua, que cada palavra que eu ouvia do pessoal aqui chegando perto e dando conselho... Recebi uns conselhos de umas pessoas aqui que tinham tudo a ver com a minha caminhada, tudo a ver com a minha jornada... Então, é incrível como todas as coisas começam a fazer mais sentido, a encaixar aqui assim... Que achar dentro de um outro ambiente, e as coisas começam a fluir melhor a partir do momento que eu tô, te deixa tu... Te permite acreditar naquilo, e tu ti abre, tu vem aberto para aquela experiência, se tu vier de coração aberto pra experiência, para ver o que que é o que eu vou sentir, que eu vou ver, e se não for o meu caminho tudo bem, mas tem que estar aberto para essa experiência.

E para mim foi muito importante, porque me tirou de uma caminhada que no meu subconsciente eu já não considerava muito certo, eu sabia que eu estava no caminho meio torto, Mas eu não me deixei levar e aqui consegui aplicar realmente uma mudança, porque la fora tu pensa: -Eu tenho que mudar isso... Tem que mudar aquilo... Mas tu simplesmente vai com a corrente, com a sociedade, tu não consegue pôr em prática, e aqui te dá firmeza para realizar a mudança. E cada vez que eu preciso de algum apoio, pode contar com algum irmão daqui, algum irmão te auxilia, te da todo o suporte, se tu tá com algum problema, então eu para mim foi um eu antes do primeiro ritual e um eu depois do primeiro.

Sanã-Vermelha: Era uma mudança que tu já estava buscando lá fora?

Sabiá: Não exatamente. Eram padrões que não encaixavam muito bem, e eu já tava em discordância com a sociedade numa regra geral. Mas eu não sabia se eu tava num processo de mudança, se eu ia mudar. Na verdade eu tava muito perdido, essa coisa de jogar conversa fora, participar de coisas que afetam o outro negativamente, julgamentos externos, exteriorização da sociedade, essa coisa de internet, essa coisa de mostrar que está bem na internet... Até tava conversando com um amigo meu, e a vida dele na internet assim é perfeita, mas depois que eu comecei a vir aqui, ele me chamou para conversar um dia, e falou assim: Bah, tu não sabe, o meu pai tá acontecendo isso, minha irmã não sei o que... E tu vê que ele tava com a família com um problemão, e tava procurando alguém para dividir, e tu ver que aquilo a pessoa está tão perdida naquele mundo de faz-de-conta, que ela tem que externalizar que está bem, tem que saber que os outros gostam dela através do meio social da internet. É esquisito isso, e a pessoa não se dá conta, ela fica presa naquilo no dia todo, não consegue botar para fora um problema, compartilhar com um amigo, recebe um toque ou saber do comportamento dela... Tipo: -Olha, o meu comportamento pode melhorar desse jeito se eu fizer isso ou aquilo... Depois que eu comecei a vir para cá eu comecei a mudar, pois eu sabotava meus pensamentos, tipo: -Ah, isso não vai dar certo, não é assim, não é, não dá... Hoje em dia pelo menos me reconheço, e digo que aqui me deu muito essa perspectiva de conseguir mudar, e me ligar com que eu acho certo, e aplicar isso assim no dia-a-dia.

Sanã-Vermelha: Teve alguma coisa daqui que tu acha que influenciou mais nesse processo de se auto observar e analisar?

Sabiá: Pra mim a própria medicina, pois eu era ansioso, depressivo, uma coisa que eu não sabia desde novo, uns 13, 14 anos, já uma sensação de estar preso, sintomas físicos, tremores etc. E eu não sabia o que era aquilo, eu já tomei antidepressivo um tempo, mas é como se ele maquiasse uma parte do problema, ele te ajuda, ele te deixa neutro, te neutraliza de um modo que tu não é, aqui tu consegue, é diferente de estar aqui, e aqui tu tem conexão muito profunda com algo, nem que não seja algo externo, ou de Divino ou de Deus, mas algo no mínimo

dentro de ti, no mínimo tu consegue se tu fechar teu olho, tu consegue entrar para dentro, e analisar tão a fundo que é incrível a medicina para mim nesse ponto assim, é a chave, tu mergulha para dentro de ti, e examina cada processo teu, cada lembrança tua, cada memória que te fez sofrer, cada coisa que te fez aprender, vai tudo juntando e fazendo sentido, e as coisas que mais te Fizeram sofrer, tu sente que foi necessário sabe? Pra te ter aqui neste ponto da tua vida e tu tá em constante mudança e evolução, e eu sou muito grato pelo caminho, e eu não sei se eu teria força antigamente de mudar, e aqui eu tenho força de mudar quando eu vejo os irmãos com uma postura mais precisa, ou postura mais positiva, ou quando alguém me corrige: -Não, tu não pode ser assim... Eu penso: -Tem razão. Sabe, hoje eu consigo racionalizar, sou muito grato por ter essa minha sanidade, conseguir ser racional, e saber o que eu tenho que mudar para tá bem.

Sanã-Vermelha: Quantos rituais você já veio?

Sabiá: Acho que uns 15

Sanã-Vermelha: No início, quando eu consegui ter essa compreensão desse modo foi muito bonito, por que tu consegue ver a tua vida em linhas de trajetória que tu começa a entender tudo, porque que tudo aconteceu de certa forma, para culminar no momento de agora, e dessa forma tu consegue ter um ponto de partida, como se fosse ver a tua vida mas de forma externa, tu não fica só vivendo...

Sabiá: É isso, tu só trabalha, ve TV, só vive e não vê sentido em estar naquela máquina, porque tu tá maquinando, e tu não vê sentido na sociedade, robotizado. Eu vejo uns amigos meus mas não tem a mesma caminhada que eu, e é difícil ver o pessoal assim, porque eles não se dão conta, pessoal acha que quando eu joga alguma ideia assim, para compartilhar alguma coisa diferente, o pessoal te olha estranho, pessoal não entende... -Que que esse maluco tá falando?! Esse guri tá mal....

Porque eu mudei a partir do primeiro ritual, eu mudei demais, minhas atitudes e vi que já não me encaixava no modo que eu tava, é muito louco, porque a gente compartilha as coisas, e o pessoal não dá bola, não entende, e tu ver que as vezes é individual, não adianta forçar uma coisa numa pessoa que ela não sente, só deseja que ela saia daquele robotizado, e sinta aquilo que tu tá sentindo e possa

enxergar além de tudo que ela faz, e além de tudo que ela aparenta aqui, eu sei que aqui eu pude ser eu mesmo, parei de precisar mentir para mim e mentir para os outros, é que eu posso dividir minhas coisas, sei que estou com bastante apoio, sem julgamento.

Sanã-Vermelha: Como tu sentiu o grupo quando chegou?

Sabiá: Senti o mais acolhedor possível. Antes eu para me dar um abraço eu ficava meio distante, meio longe, achava esquisito, gente que eu não conheço... Porque eu nunca tive uma ligação afetiva muito perto da minha família, então, era muito esquisito... A primeira vez que eu descii aqui, eu mal descii do carro e o pessoal já tava me abraçando, dando risada, e -que bom que tu veio, o pessoal nem me conhece e tá feliz por eu estar aqui... E tu vê né, que coisa esquisita (risos). É muito legal dizer que a partir desse momento começa a mudança, a partir de como as pessoas te tratam, e tu começa a tratar, enxergar um irmão, outro ser humano do mesmo modo que tu quer que te enxerguem, e começa a tratar o ser humano do mesmo modo que tu quer que te tratem, tu vai ver que a partir daí começa a mudança.

Andorinha: Queria colocar uma coisa só que essa coisa que o Sabiá falou, que a gente vive numa sociedade hoje em dia as pessoas estão muito ansiosas por causa do sistema, essa situação de competitividade, separatismo, e as pessoas tem que ficar girando igual uma máquina, e começa a competir umas com as outras, e entra nessa nóia de ter que gerar dinheiro, e começa a ficar ansiosa, depressiva e começa a tomar um monte de remédio, e quem ganha com isso é a indústria, é toda uma conspiração, pra que a gente não desperte, não entenda, que tudo que a gente precisa está dentro de nós mesmos, o nosso corpo é perfeito, só que a sociedade faz de tudo para a gente adorar, muito bom encontrar esse caminho aqui, porque ele nos tira esse foco, essa separação entre as pessoas, e a gente começa analisar através da nossa trajetória, como resolver isso com nós mesmos, e a gente descobre que que cada um é mestre de si mesmo, e que tudo que a gente quer está dentro da gente e não tem remédio externo. Por exemplo, eu sou uma pessoa que tem que trabalhar muito a minha ansiedade, e aqui vem me ajudando, minha mãe tem mania de medicar tanto... É que hoje em dia tem pessoas de 40 anos tomando

seis a sete remédios, e minha mãe me deu um ansiolítico e antidepressivo já desde criança, e aquilo me deixava abobada, dormente, sem libido para vida, e eu acredito que aqui me tirou, eu tenho trabalhado muito isso em mim, minha ansiedade. Vejo que esse caminho aqui, mostra para a gente que temos essa capacidade de se conhecer e se auto-avaliar. E aí a ayahuasca nos mostra isso, quando a gente está em expansão.

Sabiá: E também tem toda essa questão que tu não quer mais aquilo para tua vida, tava te fazendo mal, então aquela busca incessante que a sociedade inteira te impõe de consumo, porque tu tem que consumir isso, ganhar dinheiro trabalhar com isso, que dá dinheiro, tem que ter tal posição na sociedade, se comportar assim, falar as coisas certas, Nossa criação, mas na verdade é uma busca infeliz, é aquela coisa, na verdade os momentos mais felizes que eu tive foram as coisas mais simples, foram as melhores coisas que eu tive... e aí tu começa ver que tu não pode tá indo com a maré.

Cardeal: Freqüente vai fazer uns 10 meses, talvez uns 20 poucos rituais, e para mim também foi uma mudança principalmente o primeiro: eu antes do primeiro Ritual, e eu depois. Eu lembro que no primeiro uma coisa que me marcou me mudou bastante foi a facilidade de falar, antes eu não tinha isso. Tinha algo dentro de mim que não sentia bem em falar, muito menos em me expressar verbalmente. E depois daquele dia eu trabalhei algo interno, não sei o que aconteceu, que me fez sentir super à vontade em me expor, falar. E também aquele dia aconteceu algo que mudou muito, muito, durante o ritual eu vi as pessoas se abraçando, se tocando, e aí senti essa vontade de tocar em alguém assim, e aí de repente o Bem-te-vi veio do meu lado e me pediu um abraço, e mudou totalmente o conceito de abraço, simplesmente isso mudou o significado, passou de ser simples cumprimento, gesto, e acho que tem a ver com uma troca, algo que você doa... Eu passei a usar muito isso, abraço.

(...)

Andorinha: Sim, de carinho de amizade. Sim, esse é o problema.

Sabiá: Sim, porque é estranho, antes de vir para cá tu não consegue interpretar um gesto assim, simplesmente uma afeto assim, e a partir do momento

que a gente vem aqui, a gente sabe que uma palavra para um irmão que as vezes tu nem sabe, a pessoa passou um dia ruim pesado, e tu chega no irmão e dar uma palavra de felicidade, um abraço faz muita diferença no dia.

(...)

Tangará: Acredito que aqui dentro como a gente tem um local de fala na hora dos agradecimentos, onde todo mundo para pra ouvir e tem interesse de ouvir o teu relato, então tu te sente realmente respeitado e acolhido. E lá fora, as vezes tu fica inseguro para falar, porque tu não sabe se tu vai ter teu local de fala, espaço de fala respeitado, as pessoas não têm interesse na correria do dia a dia nem prestam atenção no que tu tá falando apenas te olhando, não dando importância. E aqui muitos irmãos que também passam pelos mesmos processos, de repente vão se reconhecer na tua fala. Então é valorizado o espaço da fala aqui dentro, e isso desenvolvendo aqui dentro, a gente consegue levar lá para fora com mais facilidade, tenho mais segurança para falar.

Cais - Cais: A maior mudança partiu de mim assim eu comecei a viver esse mundo aqui, eu comecei a me permitir mais, dá mais carinho, e isso gerou a mudança na minha vida no geral, por quê acho que eu acabava bloqueando isso, e as pessoas não se sentiam a vontade de fazer isso comigo também. A questão dos abraços, dos beijos, e aqui a gente aprende a se desapegar de tudo que a gente aprendeu lá fora e começa a fazer o que seria certo perante os olhos de Deus. Nós devíamos todos nos tratar assim como nós tratamos aqui, só que não acontece, então a gente acaba descobrindo aqui, como aqui como seria bom se todos se tratassem assim como irmãos, sem interesse, com amor pelos amigos, animais, pela natureza, a gente acaba deixando de viver esse tipo de coisa por ter sido criado assim, o exemplo que a gente tem lá fora é mais cada um por si e Deus por todos, e uma das coisas que a gente mais enfrenta aqui quando chega é isso somos todos iguais, somos Todos Um, devemos nos tratar bem e hoje em dia, eu abraço e beijo os homens também, coisa que eu não fazia antes de chegar aqui, sinto um prazer em beijar os meus amigos e abraçar, acho que é por aí assim, libertação.

Sabiá: Acho que o que possibilita aqui é que não tem julgamento mesmo, tá todo mundo muito aberto para te ouvir, tanto é que a gente hoje tá conversando

aqui, tudo conectado ouvindo a experiência do outro irmão, todo mundo compartilhando uma parte da sua vida lá fora, a gente tá dentro dessa coisa assim (na cidade) a gente não compartilha nada, então quando tu chega aqui, tá todo mundo aberto, tá todo mundo parando para te ouvir e tá todo mundo interessado realmente na tua experiência, tá interessado que tu fique melhor, que tu fique bem, que tu te sintas bem, então é muito diferente. Tem uma cooperação assim, todo mundo cria um ambiente muito agradável, muito favorável para que tenha uma mudança e para que tu sintas em casa, que tu te sintas bem. Tudo agrega aqui, quando tu ver que tu é o ser humano de frente para o outro assim, transpondo aquela barreira do julgamento sabe, simplesmente eu tô te ouvindo, entendendo que o teu processo foi esse, e eu sei que o meu foi diferente, e cada um tem o seu mas no fim a gente chega no mesmo ambiente, compartilhando a sua experiência, aprendendo a viver, aprendendo as mesmas coisas, é muito diferente tudo que ocorre aqui de lá fora. Eu não participava de nenhuma religião lá fora, porque eu sentia como uma prisão, é aqui eu tenho muita liberdade, desde que eu cheguei, aqui minha primeira coisa que eu vi foi que eu quando eu cheguei aqui, foi que eu podia fazer qualquer coisa, claro dentro dos nossos limites, dentro do que é razoável, mas eu podia agir como eu achasse que eu tinha que agir, que eu podia pedir qualquer coisa, Sempre tive todo auxílio, aqui todo ritual é assim, sabe? Às vezes eu vejo o pessoal novo, eu sempre fico prestando atenção nas instruções para quem chegou novo, porque eu lembro meu primeiro ritual, e como é bom ouvir –Ah, se eu tô precisando disso, qualquer coisa chama, às vezes baixa pressão, tem sal, tu me chama. É uns cuidados tão simples, é tudo tão essencial aqui, que eu acho que faz a gente mudar, e se a gente quer ver alguma mudança lá fora tem que começar pela gente, não adianta a gente querer enxergar no outro os defeitos do outro, só apontar e tu nem para pra te enxergar, para te corrigir.

Pitiguari: Vou falar um pouco da minha experiência, que eu senti de transformação que foi uma coisa que eu achava que eu tinha que é paciência. Mas o que eu tinha era a paciência por conveniência, e eu precisava ter paciência dentro da minha família, e eu não tinha. Faz um ano e meio que eu venho aqui no espaço, quando eu comecei a vir, e a trabalhar, e a observar o que estava faltando tolerância da minha parte e que eu não podia esperar tolerância deles, e aí eu comecei a me conhecer melhor nesse aspecto assim, aí eu comecei a minha transformação, ser

diferente com quem mais precisava naquele momento da minha vida que eram eles, porque eu procurei aqui o espaço porque eu precisava ter entendimento da minha vida que eu não estava mais conseguindo ter, e aí eu resolvi procurar ayahuasca, eu já tinha entendimento que eu precisava me transformar, mas eu não estava conseguindo me transformar, eu tentava, tentava, e me bloqueava, e foi então que aí eu vindo aqui que eu tive consciência o quanto que eu tinha que me trabalhar, o quanto que eu tinha que ser tolerante, e a medicina foi me mostrando isso... Não parece, mas eu era uma pessoa bem irritada, até hoje eu não gosto de andar no meio do tumulto assim, Sou muito sensível, mas era uma coisa extremamente irritante andar no supermercado, as pessoas caminhando devagar na minha frente, me estressava, já ficava rabugenta e me tirava do meu eixo, e eu não gostava de ficar rabugenta, e aos poucos fui me compreendendo, me entendendo e hoje consigo ter paciência nesse sentido também.

Antes eu me irritava com essas situações e depois eu vi que a ayahuasca foi me trabalhando neste sentido de lidar com as pessoas, de aceitar, eu pensava que aceitava as pessoas, mas não aceitava, eu queria que me aceitassem como eu era, por que tinha acontecido isso e isso comigo, então tenho que me aceitar, e aí eu fui descobrindo que eu que tinha que aceitar os outros primeiro, me reconhecer, reconhecer os meus erros, reconhecer que eu não estava certa, que eu não estava sendo legal, que eu tinha minhas limitações reconhecer o outro, o outro também tem limitações, também está no seu processo, seja ele como for, aí eu comecei a me trabalhar, entrou a paciência, a questão de se sensibilizar com o outro, de tu realmente saber que cada ser humano é um ser humano, não é igual, eu não sou igual a ti, tu não é igual a mim, então a gente tem que saber lidar com as diferenças, e aí talvez entrava a minha irritação por eu não saber lidar com as diferenças, e hoje eu consigo lidar muito mais fácil com as diferenças.

As relações da minha casa no geral mudou muito, principalmente a minha família eu observo que mudou muito. A partir do momento que eu consegui me trabalhar, que eu consegui me entender, que eu que estava errada e que eu que precisava me transformar, e a transformação parte da gente, e a gente sabe, saber eu sabia, só que eu não conseguia, eu ia, ia, e travava, ou talvez eu pensava que tentava, aí quando comecei a vir aqui foi quando realmente de fato eu comecei as minhas transformações internas mais profundas que eram essas, aceitar, entender melhor o meio que eu vivo, principalmente o familiar, que tudo parte do familiar,

conseguir desvendar o que tem no núcleo familiar, o que tem ali de problema mal resolvido... Quando eu consegui entender o amor daquela família, aí sim eu consegui desvendar. E aí eu acho que fez eu trabalhar mais essas questões, que ainda tinham para serem trabalhadas. E aí a ayahuasca faz isso em mim, então acredito que a cura não acontece só com quem vem, ela é refletida com quem convive com nós, acaba te transformando e tu leva essa transformação para as pessoas do teu meio. Então no meu caso esse foi meu processo de me reconhecer, de me reencontrar, e a partir daí mudar essas questões de tolerância e paciência.

Beija-Flor-Dourado: Então, eu cheguei no sítio muito perdida, eu já estava numa situação de transformação na vida antes da ayahuasca, e eu tinha uma vida montada, tinha um emprego, minha casa, uma estrutura montada, e de repente eu sabia que aquilo não era para mim, deixei tudo e vim para (...). Então já vinha em um processo de desejar, ansiar esta transformação. Sentia que tinha uma coisa que tinha que nascer dentro de mim e a vida me trouxe para cá.

E a primeira vez que eu consaguei foi um choque, e eu não imaginava e nem os cantos mais recônditos da minha mente racional que eu conceberia assim que aquilo ali seria possível, aí conforme foi passando o processo eu comecei a enfrentar dificuldades sérias, por estar perdida, por estar muito maravilhado com que estava acontecendo mas ainda não tinha conseguido captar ainda de que forma mesmo em que o trabalho acontece, e qual era realmente a maneira que eu deveria me portar durante o ritual para que as curas de fato acontecerem, então eu gastava muita energia em vão, às vezes atrapalhava o processo dos irmãos, e não conseguia me firmar e de repente determinado ponto, parece que me veio assim: - É, bom ou eu vou desistir, entender que é isso mesmo que a medicina tinha para me dar, ou vou ficar e dá um jeito de superar e eu decidi ficar. Tive que travar um contato comigo mesmo lá no fundo do meu ser para conseguir descascar um pouquinho as camadas do ego, ouvir o que os irmãos mais firmados tinham para dizer de conselhos, assumir meus erros e meus equívocos, perdoar os meus equívocos, então eu conseguir encontrar dentro de mim a postura correta, estou muito agradecida agora, porque agora tô sentindo que encaixei no trilho.

E queria falar um pouco sobre o ritual de hoje, teve um momento muito divino que foi quando eu tive a oportunidade de ler aquela prece que eu mesma escrevi, foi muito importante para mim ter feito aquilo e o Petrim pediu para eu escrever uma

prece assim, como um segredo para ser surpresa para os irmãos, e eu me preparei na minha casa assim, nessa semana para fazer isso, sabe? busquei forças me concentrei, no meio da bagunça do cotidiano, procurar sentar, me aquietar, que tem a ver com o momento que eu estava passando, mas que depois se conectou com coisas muito maiores quando eu pude ler para o coletivo e foi muito forte, e aconteceram coisas verdadeiramente sobrenaturais assim. Pois enquanto estava me concentrando de repente eu senti que tinha alguém comigo, sentir fisicamente alguém chegar e tocar minha cabeça, tocou os meus chacras assim pelas costas, me deu uma benção assim, minha cabeça, eu pensei que fosse alguém, um ser humano assim, mas depois eu vi que era alguém do astral, que me protegeu, iluminou, e me conduziu, para eu poder fazer aquilo que eu ia fazer, estar ancorando aquela energia dentro de mim para poder emitir para os irmãos, e naquele momento que olhei a prece eu tive muita certeza que eu estava protegido quando eu tava falando aquelas palavras foi muito lindo, pois eu ouvi a duas vozes eu não tava ouvindo só a minha voz, a minha voz eram duas, porque tinha gente ali fazendo aquela prece comigo, e eu agradeço sincera e profundamente por isso, porque isso me fortaleceu muito, encheu meu coração de coragem, de fé de firmeza e foi um empoderamento pessoal profundo de acreditar na luz que eu sou, acreditar na fonte de luz que existe dentro de mim, na certeza da luz que me conduz, e isso transformou a minha vida muito obrigada.

Tangará: se tu relacionar a estampa da tua camiseta com o dia de hoje, tu vai saber quem estava contigo.

Beija-Flor-Dourado: a camiseta é de Jesus Cristo.

Sanã-Vermelha: No ritual passado, um rapaz também teve uma experiência parecida com uma imagem de Jesus Cristo, que ele abriu os olhos e sentiu uma energia sendo emitida daquela imagem de Jesus Cristo.

Tangará: Está muito forte aquela imagem de Jesus.

Andorinha: Tive uma peia bem forte aqui no galpão e eu achei que ia sair fora de mim e nunca mais ia voltar, bem difícil. Tive que ter muita ajuda todo mundo ficou

preocupado comigo, todo mundo ficou de olho e eu balançava de um lado para outro e eu senti muito que isso era o meu medo né que quando começou a experiência com a força eu comecei a resistir a ter medo da experiência da novidade do novo e comecei a resistir e um aprendizado que eu tive muito é que quanto mais tu faz do teu problema da tua questão mais ela aumenta. Quanto tu resiste mais ela se torna uma coisa gigante. E aí comecei a ter muito medo, entrei em frequências muito baixas de medo, porque o medo abre essa porta para todas as negatividades e tudo que tem no teu subconsciente e questões espirituais mesmo espíritos com baixa a vibração e tal, comecei a sentir coisas muito ruins, e aí o Petrim chegou, e olhou, sentou na minha frente, e falava: - Irmã, tu tem que ter firmeza! Tu tem que ter firmeza! Tu não pode dar brecha. E aí eu comecei a enxergar como se fossem uma energia ruim de baixa vibração vindo por trás do Petrim, como se fosse me pegar, como se eu fosse me entregar para essa energia, muito ruim, muito negativa, e foi muito incrível, porque o Petrim estava de costas para essa vibração na hora que eu vi ela, e quando eu percebi ela, quando eu ia me entregar, o Petrim disse assim: - Firmeza. Como se ele tivesse sentido também, ele é muito sensível, no sentido de ter sentido aquela coisa e sentido que eu ia me entregar para aquela coisa que eu não sabia o que era, e ele disse: -Tu te firma, tem que te firmar. Falando bem sério: - Não pode dar brecha para outras coisas. E eu comecei a tentar me firmar, e fui tomando água e tendo auxílio dos irmãos e das minhas amigas, da Sabiá-do-Campo e daqui a pouco foi diminuindo, diminuindo, mas depois de tudo consegui estabilizar.

Mas eu comecei a perceber isso da nossa resistência, e a gente transforma tudo isso, problemas e que eu tenho visto, é que não existem problemas, a gente que olha para aquilo da maneira como se fosse um problemão, e transforma as coisas em problemas, e fica resistindo e dizendo não para esse problema, e aquilo se torna uma grande coisa que não é para ser assim, talvez aquilo não fosse ser daquela maneira, talvez fosse o aprendizado que tivesse que tu tivesse que ter, uma tolerância, um sim, mas aí tu diz não, e resiste e aquilo se transforma em uma coisa muito forte, negativa, e não precisa ser dessa maneira, a gente tem que olhar para as situações e eu tô aprendendo na caminhada, ao olhar para situações de uma maneira como se fosse não fosse problema mas sim situações que vem para a gente aprender a vida tá aí para a gente se prende a nossa consciência. Ela está aí para isso, para a gente se abrir e florescer e a gente tem medo, porque o medo não

é uma coisa externa a nós, como se fosse uma entidade do mal, uma coisa ruim, isso não existe, isso é o nosso estado mental, se o nosso estado mental for de medo, a gente atrai coisas que nos retrai, e é o que o Petrim fala sempre no início dos rituais, quando a força chega não resiste, te entrega, e eu sempre escutava isso e não entendia o que que era me entregar e a entrega é simplesmente a aceitação aceitar aquilo que tu está vivendo e que a força está te mostrando isso, isso e aquilo e te entregar para aquela experiência, não ficar pensando em várias outras coisas e com medo e pega uma água, e toma apavorada e vai para um lado vai para o outro e faz tudo para não se encontrar, a gente foge muito da gente mesmo. Quando eu tô no meu momento ali no meu silêncio, só eu e Deus eu meio que tenho que fugir, o ser humano tem um pouco isso de fugir de si próprio, de estar tão desconectado da gente mesmo e das pessoas em geral que quando tem que se encarar, de se ver, tem medo de olhar para dentro de si mesmo, fica fugindo dessas coisas, e é uma coisa que eu tô trabalhando aceitação de mim, e tentar me conhecer sem medo, me entregar para minha própria experiência e é isso.

Tangará: Eu gostaria de compartilhar uma das vivências mais bonitas que eu já tive aqui, em fevereiro desse ano que fez dois anos desde a primeira vez que eu vim aqui no sítio, e em dezembro do ano passado durante o ritual do sagrado feminino, que nós fizemos de tempo em tempo aqui no sítio, apenas com mulheres, durante o processo, eu tava meio que não tão conectada quanto gostaria, tava deitada, e nesse momento começou uma música, e a Sabiá-ferreiro me chamou, como vocês sabem ela recebe tanto lemanjá quanto a Moema, e nesse momento ela tava com lemanjá e através dela veio para mim e disse: - Tu vai para lá e apontou para frente da fogueira, e tu te conecta porque essa música vai contar histórias da tua vida. E nesse momento prontamente eu me levantei e fui pra lá, e quando eu cheguei lá eu peguei meu lenço branco coloquei na cabeça, e conforme eu comecei a tocar o tambor, me conectando com a música, uma música celta, eu senti que as batidas do tambor estavam me conectando com meu coração, e eu tava entrando numa viagem a partir do meu cardíaco, conectando com toda a minha linhagem ancestral, e a partir daquele momento comecei a voltar, eu senti que eu voltei foi no Egito, fui em diversas civilizações que eu acredito que eu já passei, e em cada civilização que eu ia, eu ganhava um guardião ao meu lado, e foram chegando os guardiões e eu senti que eu sou acompanhada e não é por um anjo guardião, são

vários, vários seres que me acompanham, e eu senti muito forte o quanto eu sou protegida quanto eu sou amada.

E eu percebi também como importante essa consciência com os instrumentos sagrados, o tambor realmente podemos nos conectar com todos os nossos ancestrais e com toda essa energia de cura que atravessa gerações, foi muito forte, sentindo voltando a enxergar todos aqueles lugares que eu já vivi na vida passada, e encontrar aqueles seres, e cada ser tinha um aspecto diferente, alguns meio pássaros, meio aves que agregam na minha caminhada, estão sempre comigo e após terminar essa canção começou a tocar Aleluia. E como eu tava com esse lenço branco eu senti muito muito forte a presença de mãe Maria comigo também, assim como eu sinto essa noite com essa música nesse último ritual, senti muito forte essa energia de acolhimento, de amor incondicional, e sou muito grata a essas medicinas pelo contato que ela nos proporcionam, porque a gente está desconectado em meio as tarefas do cotidiano, nessa ilusão do sistema a gente se desconecta tanto, que não consegue perceber todo esse amor que tá sempre sendo direcionado a cada um de nós, em cada pedacinho desse planeta, em cada flor que abre um botão e floresce a cada dia. E essas medicinas sagradas nos trazem ao centro de novo e proporcionam enxergar isso que a gente deveria enxergar sempre todos os dias.

Petrim: Uma das experiências espirituais que mais me marcou muito foi quando eu ainda tava no Santo daime, já tinha ido várias vezes lá, tinha tido algumas experiências mas não tão marcantes. Um dia eu tava no bailado de 10 horas, aí lá pelo meio do trabalho, me deu vontade de sair da corrente, e me sentar no banco lá da igreja, tava tão bonito todo mundo cantando, quase 150 pessoas, daí a pouco eu senti minha boca abrir, abriu, abriu, abriu, e aí me saiu nas costas assim umas vértebra escura, aí eu levei um susto assim, -Opa que será isso!? Aí o momento que eu voltei para razão, desapareceu. Passaram outros bailado, outras concentração, não aconteceu nada. Aí dali um mês dois mais ou menos me deu essa mesma vontade durante o trabalho de me sentar lá na igreja, e aí eu já sabia que que aconteceu aí eu fui sentei lá com os olhos fechados a mesma sensação de plenitude, aí daqui a pouco me abriu mais a boca ainda, aí consegui ver meio corpo, a espinha toda, as vértebras, escamada, pele escamada, meio escuro, e aí eu fiz uma pergunta assim – Puxa vida, será que eu carrego isso dentro de mim? tem algo que eu peguei? e aí não aconteceu mais nada essa noite, e aí continua outros

trabalhos nada aconteceu e no decorrer do tempo, me deu essa mesma vontade, aí eu fui me sentar no banco, no momento que eu me sentei no banco, eu esperava em abrir a boca, os olhos fechado, mas olhei para a rua para porta assim aí vi a mata, e aquilo foi um puxão assim...- Vupt! Fui ligeiro assim, ai eu cheguei na beira da mata, botei um joelho no chão e o outro curvado, e aí três dedo meu ficaram assim, e aí eu tô naquela força assim, eu abro os olhos e olho meus dedo é grosso, grosso, uns unhão, uma unha assim tipo garra grande, e eu pensei: -Que que é isso meu Deus do céu?! Aí nesse momento me deu uma ânsia de vômito assim, uma limpeza, aí começou fractais, ponto de luz, e eu fui subindo, subindo, subindo, quando tava lá numa certa altura assim, enxerguei um focinho grande, quatro patas, um rabo comprido, e aí veio uma voz me disse assim: - Tu veio para cá para tá no caminho do amor esta é a tua missão, e não foi coisa da minha cabeça, não foi coisa de miração, não foi. Foi realidade além dessa realidade, porque se apresentou tudo aos poucos para mim, então eu fico tranquilo que não foi criação da minha mente, não foi criação de miração. Foi realmente aconteceu mesmo, há milhares e milhares de anos antes de eu vim nesse corpo e humano, me deu uma compreensão, um entendimento que eu não tenho como explicar, essa foi uma experiência que me marcou.

Outra, eu sempre gosto de sair para mata assim, ir na natureza aí eu saí assim vi uma bola grande cruzando devagarinho o céu, aí eu fiquei parado tinha uma árvore na minha frente, fiquei pensando: - Que que será avião? Aí fiquei parado pensando se era avião ia para outro rumo e ela passou atrás da árvore e aí eu agradei me sentei de olhos fechados, e daí a pouco eu sinto seres assim que não tem como explicar. Senti forte aproximação deles, e eles tinham uns aparelhos que no meu entendimento não consigo descrever, só sei que eu ouvi um barulho do meu crânio, dos aparelhos assim, e eles estavam me costurando, não sei se foi de acidente, não sei o que que aconteceu, mas tive uma clareza que em outra vida eu tive uma abertura no crânio, e eles me fizeram uma cirurgia me arrumaram.

E a outra também que me marcou foi um dia que eu tava fazendo limpeza. E aí me veio na cabeça: -Limpa dessa vida e de outras vidas, aí eu verbalizei. Aí no primeiro vômito eu senti que era daqui, no segundo de outra vida, e no terceiro foi um vômito forte, muito forte, e aí me sai uma pessoa secular, rude, com uma roupa secular também, e era uma pessoa muito rude, de uma energia muito grotesca, aí no momento que eu terminei o vômito assim, me senti mais leve, tive clareza assim

que eu botei para fora o que tinha dentro de mim, coisas que eu carregava de séculos, séculos, séculos.

Então, essa Sagrada medicina a gente tratando ela com seriedade, coração aberto, se entregando, ela nos mostra, nos cura, nos dá entendimento dessa vida, onde essa a visão e razão jamais vamos chegar. Quebra o véu todo, nos bota em patamares que eu não tenho como explicar, e vai nos curando nos curando, nos cura nos tornando um ser mais leve, com mais paz, com mais amor, embora a gente na razão procure isso, viva isso, mas é só uma pontinha, essa abertura toda que ela nos dá, e a gente tando aberto a gente realmente vive, tudo isso aí de paz, de amor, de esclarecimentos e entendimentos e o importante de tudo que a gente vivencia é trazer para cá, senão não adianta nada, ela é uma ferramenta. Sagrada bebida é uma ferramenta, e ela é tão sabia e tão sagrada que ela nos mostra tudo, e deixa para nós escolher, acreditar ou não.

Eu sou muito grato muito grato por essa sagrada medicina, transformou a minha vida, já caminhava na caminhada do amor, do coração, e ela me abriu, me abriu, me abriu, me curou, me curou, e hoje eu só sei que ultimamente que eu tenho sentido de marcante na minha vida assim (chorando), que me mostra que eu tenho que amar mais e mais, somente amar só isso.

Tangará: Comecei a sentir essa proteção espiritual esse corrimento e o sentido que estou sempre sendo acompanhada e que se por vezes eu me perco no caminho é por não tá atenta e aberta essas orientações que sempre estiveram comigo, e eu senti muito forte neste ritual que eles estão comigo e sempre estarão, independente do caminho que eu siga, mas que só se eu tiver coração aberto, conectado seguindo trilhando caminhos da luz, que eu vou aí te abertura para canalizar estas orientações.

Sanã-Vermelha: Tem alguma rotina espiritual que tu siga, alguma ação que tu execute durante o dia?

Tangará: Eu tenho um altar grande montado ao lado da minha cama com todas as imagens que representam algo em mim. Então todos os dias quando eu chego da aula à noite eu sempre reverencio e agradeço cada uma delas pela proteção pelos cuidados pelas orientações, por me acompanhar, e por estarem ali,

isso é normal do dia a dia, mas em dias mais difíceis assim, dia cansativo que eu acabo me sentindo meio desesperançosa, às vezes a gente deixa se levar por essa energia, eu sempre procuro acender uma vela violeta, ou verde ou rosa pedindo para que eu consiga me reconectar, pedir para os seres guardiões que eu consiga tratar essa situação as ações que eu sinto ilusórias pela falta de fé, falta de esperança, ilusão desse sistema que a gente vive. E é isso, sempre procuro fazer uma prece, não prece pronta eu faço uma prece do que eu tô sentindo e sou reikiana. Então sempre que eu sinto necessidade eu aplico Reiki, que é uma ferramenta de conexão com astral, basicamente é isso.

Sanã-Vermelha: Essa rotina já fazia antes de conhecer aqui?

Tangará: Aqui eu estou a dois anos e no Reiki há quase cinco, então comecei a primeira caminhada no Reiki, e o altar eu comecei a montar a um ano e pouco, então que eu comecei a desenvolver minha espiritualidade tem mais ou menos uns cinco. E desde então eu percebi muitas, muitas transformações na minha vida, o principal e algo que eu sinto muito trabalhando aqui no nos rituais também, é começar a me enxergar a partir de dentro, porque antes eu me enxergava muito através do outro, através do que o outro dizia que eu era, enxergar em mim através das especulações que vão se criando, então a gente está as vezes, a gente está perdido em meio a isso, no olhar do outro, e não se conhecendo de verdade, e a ayahuasca é uma viagem muito interna, de te conhecer, tirando essas cascas, - Tangará isso, Tangará aquilo, o que eu sou de verdade? Então parte desse olhar de dentro, e isso é uma transformação em mim e também na maneira como eu enxergo outro, passa a tentar a especular menos, passo tentar conhecer ele a partir daquilo que ele me permite conhecer e o que ele realmente me apresenta e não aquilo que o ego quer enxergar, é um trabalho diário.

Petrim: A transformação que eu sinto mais no dia-a-dia é a transformação para mais simplicidade, simplesmente só ser, que toda essa experiência forte que a gente vive no momento espiritual, depois absorve tudo e traz para cá, para mim me mostra cada vez mais só ser.

(...)

Canário-da-terra: Pra mim ter conhecido o xamanismo foi o que mudou tudo para mim assim, antes eu tava muito escuridão, escuridão no caso assim de beber e fumar esse ambiente tóxico, ambiente de loucura assim sabe? Eu tava sendo vampirizado por aquilo, e através das cerimônias me deu o toque do que eu precisava, aí conforme foi passando as cerimônias fui me conhecendo mais, me fortalecendo, questão da proteção, fui reconhecendo minhas proteção, eu tinha um altar antes mas não dava mesmo valor assim, aí para mim cada trabalho é um fortalecimento, vários toques, sempre através de coisas da minha sombra assim, trabalhando o ego, enfrentei muito minha morte nos rituais, passar por experiência de morte, morte do ego. Então eu tenho só agradecer mesmo, só fortalecer o meu espírito na matéria, a questão de conhecer ancestralidade, minha essência, isso aí que me dá muita força na minha vida, minha essência, força das aldeias, coisa que eu não reconhecia antes, só através dos trabalhos passei a reconhecer, e através disso tenho trabalhado minha mente minhas emoções só tenho a agradecer, porque só tem me fortalecido.

Sanã-Vermelha: Vocês acham que a dimensão social de vocês mudou depois que começaram a frequentar aqui?

Tangará: Por mais que eu ainda tem o mesmo carinho pelos meus amigos mais antigos, com alguns hoje não consigo manter um círculo de convivência porque vivem numa frequência que não cabe mais para mim, assim como o irmão comentou da função do álcool e para festa são questões que eu sinto que já não cabem na caminhada que eu tô e da compreensão que eu tenho dos malefícios disso. E se eu tentar ir só para acompanhar pertence a que grupo eu sinto quase como uma violação, sinto que me afeta então é o tipo de coisa que eu não quero mais alimentar a minha vida. Então o carinho continua o mesmo com os outros meus amigos que mantêm essa vibração, é o mesmo sentimento mas não conseguimos mais conviver tanto quanto antes, não tem mais a mesma sintonia. Por que então automaticamente a gente acaba se afastando de certas pessoas porque os caminhos vão chegando em certas bifurcações. Então acho que é natural isso, acho que o universo vai se encarregando se aproximar as pessoas que estão na sintonia, na mesma vibração, com os mesmos propósitos, então assim como afastar, como atrair também.

Andorinha: Eu queria dizer sobre que eu era fumante desde os meus 16 anos, eu era muito viciada, todos os dias uma carteira de cigarro, hoje eu tenho 25 e eu tava bebendo muito, porque o que que o sistema faz com a gente ele nos oprime e nos reprime, ao ponto da gente fugir para ópios, ao ponto da gente escapar da rotinas com bengalas são prejudiciais para nossa saúde mental, física, e tudo mais, de um lado ele nos oferecem a competitividade, separatismo, julgamento, e do outro lado para amenizar essa situação eles te oferecem veneno, sabe? E tu fica meio sem ter para onde fugir, porque se tu não tem um outro caminho, que é a espiritualidade ou outros caminhos também que existem, tu acaba indo para outras e eu tava muito afundada assim em bebida, álcool, eu era tava virando alcoólatra, três vezes por semana, tinha que beber todo rolê que eu dava, eu tinha que beber e fumar muito não tinha um equilíbrio assim, e depois que eu vim para cá eu comecei a frequentar foi me vindo todas as questões que eu tinha que trabalhar sabe? Quando eu tava na força, eu começava a enxergar, tive uma experiência muito forte que foi a que fez eu parar de fumar, que foi uma experiência que eu tive que eu me enxerguei, eu enxergava caminhos vários caminhos e eu ia indo nesses caminhos assim, e aí de repente vinha uma barreira e me parava, e nessa barreira que parava tinha seres de muita baixa vibração com bebidas e cigarros na mão, e eles estavam caindo para os lados assim, bêbados e desorientados assim sabe, e eles estavam na porta desses caminhos, e era esse tipo de coisa que me deixaram ficar nessa vibração que eles estavam e não me deixava passar para próxima fase assim sabe, e seguir o meu caminho, que eu tinha um caminho assim de dimensões maravilhosas na minha vida de muito amor, compreensão, amizade, entendimento, sabedoria muita paz, só que eu não conseguia a permanecer neste caminho por conta dessas coisas que me atrapalhavam muito, e vi também que se eu não parasse de fumar eu ia ter um problema com cigarro sério. Tive várias sincronicidade, que essas coisas das sincronicidade não é questão de crença, essas sincronicidades a questão de saber de experienciar, o universo te mostra realmente. Então não é possível que determinadas coisas aconteçam, tu pensa numa coisa e a coisa acontece, tu pensa mas eu amo Jurema, começa a tocar uma música da Jurema, - Ah sou filho de Ogum aí tu abre os olhos tem uma vela de alguma coisa na tua frente sabe coisas assim que nos levam, até o Carl Jung psicanalista ele falava sobre isso, sobre sincronicidade, tem um estudo em cima disso, e elas são reais isso não pode ser coincidência, é o universo nos respondendo, a gente

entrando em conexão com ele, e essa força e essa força vem nos responde, ela conversa com a gente. A gente é inteligente, como a gente pode ser tão prepotente de achar que a gente é inteligente, tem uma inteligência, e o universo não? que é tudo um caos aleatório? Como o universo ia ter feito um ser complexo tão cheio de inteligência e ia não ser inteligente, isso não tem lógica.

O que eu fui vendo é que existe essa inteligência maior, que tudo é, sempre foi, e sempre será, e isso nos auxilia sabe, e eu vi que essa inteligência conversava comigo, e eu percebi que a bebida e o cigarro não deixava eu avançar e que eu iria ter um problema muito grave então eu decidi deixar de vez, foi dia 29 de junho de 2017, que eu decidi dever de parar de fumar, e aí eu parei de fumar de vez, e nunca mais e ontem fez 9 meses que eu parei. E eu simplesmente parei não foi uma abstinência, assim uma tortura, um sofrimento e nem tinha sido todas as outras vezes que eu tentei parar, de todas as outras vezes, eu me identificava com aquilo, então eu pensava que se eu não tivesse aquilo ali, eu ia sofrer muito, por que aquilo era parte de mim, e o no momento que tu não te identifica assim mais com as coisas que não te servem, tu te identifica com um ser completo, tu começa a não precisar mais das tuas bengalas na tua vida, porque assim a questão de tudo, de amizade várias vezes as pessoas que tão na nossa volta que não estão na mesma vibração, e aí agora a pouco eu parei de beber também, porque eu já tinha parado, aí fiquei uns dois três meses nessa de não beber, e aí voltei um pouco para bebida de novo, tava bebendo um pouquinho, bebendo um pouquinho, e aí neste pouquinho, a nossa mente trabalha com padrões, e aí se eu me abrir numa coisa que eu não estou bem curada ainda, se eu me abrir para aquilo ali de novo, a minha mente não vai entender que eu vou ficar só ali na superfície sabe, uma hora ela vai dizer mais vamo um pouquinho mais hoje, um pouquinho mais hoje e aí quando eu via eu já tava muito lá muito bêbada, aí esses dias tinha saído com a Sabiá-do-campo, e até discuti com ela, toda vibração baixa. E aí eu vi que não deu, eu não consigo isso, e não me faz bem, porque que eu vou tá colocando álcool para dentro do meu corpo, o álcool não foi feito para colocar para dentro do corpo, assim dessa maneira que a gente coloca como se fosse assim, uma água, e aí eu percebi que isso não vai fazer bem para nada, em nenhum aspecto da minha vida só piora.

E aí, me afastei assim, vai fazer quase dois meses que eu não tô bebendo, e tá sendo muito bom, tô conseguindo ter mais clareza na minha vida e ayahuasca me mostrou isso, ela cavuca com o teu subconsciente, cavuca para te trazer imagens e

coisas e vivências que tu já teve, experiências, para te mostrar o que está fazendo na tua vida, e te mostrar, como o Petrim falou, ela não te impõe nada ela te mostra, te expande a tua consciência sobre as coisas, tu fica ciente das coisas entende? Ai se tu quer seguir aquilo ali, aí vai contigo sabe, não é obrigado a nada, mas tu tem a consciência de que aquilo ali é importante para tua caminhada, e é isso assim, que eu queria deixar só, que ela nos ajuda muito nessa questão dos vícios também.

Sanã-Vermelha: como foi que tu sentiu que teve sua visualização ou a sensação corporal daquilo?

Andorinha: era os dois, eu sentia, eu via os caminhos, via os seres, e sentia uma angústia, uma tristeza, uma depressão, aquela vibração baixa, angustiante, uma coisa ruim, melancólica é a palavra certa, tinha uma melancolia. E aí foi isso assim, sentia seres meio que sem forma, caídos assim, meio que derretendo, eles estavam e com garrafas na mão de bebida e cigarro na mão, e eram uns três ou quatro assim na porta de um caminho.

Sanã-Vermelha: teve algo que te despertou o teu processo?

Andorinha: eu já vinha com este processo de querer parar, de querer parar, sabia que eu tinha que trabalhar Isso. Aí é na ayahuasca mas já vem sabendo que era esse o trabalho entende, então só veio, tava sentindo ele entrando na força, começou pelos caminhos e comecei a enxergar e ser feliz.

Sanã-Vermelha: Vocês já vem com objetivo por exemplo: - Quero hoje trabalhar essa questão, essa dimensão da vida... é uma coisa que acontece naturalmente durante o processo do ritual

Tangará: 90% dos que eu já vim foi sem ter uma intenção específica, a minha ideia era me abrir para medicina e ver o que ela me mostrasse para ver o que eu tava precisando enxergar.

Andorinha: A mesma coisa, eu já vim algumas vezes com objetivo, a gente sempre sabe mais ou menos alguma coisa sabe, como é que tá, como que tá a

nossa vida, nossa situação, então temos um pouco de noção. Por exemplo ontem antes de começar o ritual eu comecei conversei com as gurias, - Qual é a energia que vocês estão sentindo desse ritual? porque eu sempre sinto um pouco sabe, e eu tava sentindo muito na cabeça que era calma assim, que seria tranquilo, e na mesma hora a Sanã-parda falou calmo, muito calmo, muito intenso mais calmo, e foi exatamente o que aconteceu sabe.

E aí, eu sinto que as vezes tu vem com alguma coisa que tu vem para trabalhar que tu sabe o que tá passando na tua vida, mas a maioria das vezes eu não tenho nada justificado, -Ah, hoje eu vou trabalhar isso exatamente. Aconteceu duas três vezes já.

(...)

Entrevista Petrim 21/04/2018

Sanã-Vermelha: Como que tu sentiu participando e ouvindo os relatos?

Petrim: Eu vou começar um pouco antes, a minha transformação vem de anos, e nos anos 70 eu quebrei com o sistema pra ser o que eu sou hoje, e naquela época tudo era muito mais duro, muito mais rígido pra gente ser o que a gente é hoje, hoje em dia tá mais aberto, mas naquela época era mais difícil, mas eu senti no coração e comecei a me transformar. Larguei de muita coisa que eu fazia na minha vida, e a partir daquele momento eu comecei a ver que aquilo ali não era mais, não fazia parte da minha vida, e fui me transformando, o que me tocou mesmo foi quando eu li o Castanheda, Erva Do Diabo, o nome esse por causa do tempo da ditadura, que eles colocaram esse nome pra não ter muito acesso, e me deparei com o caminho do coração, e aquilo me bateu tão forte, tão forte, que comecei a trilhar o caminho do coração, e aí fui me transformando, e mais ou menos nessa caminhada até as medicinas foram uns 40 anos, e 10 anos atrás tive contato com essa sagrada medicina (Hoje Petrim tem 64 anos), que na época também tive um chamado lá nos anos 70, do daime mas acabei nunca indo porque naquela época era só na Amazônia. Ai casei, tive filhos, nossa vida continuou, eu acabei esquecendo. 10 anos atrás numa sanga budista alguém falou em daime eu – Opa! Me acordei de novo, aí conversamos e me disseram que tinha em Porto Alegre a igreja do santo daime, eu fui e foi uma transformação total muito forte, não foi fácil.

Descobri depois que eu tomei essa sagrada medicina, que toda essa trilha que eu vinha fazendo eu vinha apenas engatinhando, e que ela que me abriu o portal do caminho do coração, e seguiu mais aberto ainda o caminho do coração no qual eu trilhei 2 anos no Santo Daime, me fardei e tive dois anos fardado no Santo Daime, nós éramos 3 quando trouxemos o Santo Daime para (...).

E aí como eu nunca segui na minha vida, nunca consegui me adaptar a regras e doutrinas, agradeço muito ao Santo Daime do fundo do meu coração, por ele ter me colocado nesse caminho mas, era um pouco doutrinário, e eu não me adapto a isso, as vezes, por último eu já andava em conflito comigo mesmo, e mente conflitada da acidente, e aí eu tive um acidente de moto no qual rachei as costelas. E aí em casa comecei a mexer mais na internet, e aí ouvi falar em xamanismo e aquilo me chamou, era mais livre no bom sentido, era a gente com a gente mesmo, de auto-conhecimento e aquilo me chamou.

Eu baixava músicas num programa e um irmão, que hoje eu chamo de irmão, baixando músicas minhas lá de São Paulo, disse: -Eu sou do xamanismo. Eu disse -eu sou do Santo Daime. E ele: -Ah eu sou daqui de São Paulo, faço parte do (...). E aí comecei a ter mais afinidades, e depois de nós conversar e ter mais afinidades algumas semanas depois uma menina também lá de São Paulo baixando música desse programa perguntou: -Tu é daimista? Eu disse: -Sim e ela disse: - Pois é pelas suas músicas dá para ver... Ela disse: -Eu sou do (...) aqui de São Paulo, bom aí ela pegou e me disse: -Eu vou te enviar umas fotos do nosso espaço, eu tô em tal foto, aí quando eu abri, era ela numa foto com o Vishnu atrás, essa mesma canga que eu tenho aqui, ai um ano atrás antes disso tudo acontecer eu já tinha aqui na sala, aí olha o no computador e olha aqui na minha casa a mesma, aí pensei pode ser um chamado. Aí de noite fui falar com esse irmão, digo: - Conheci uma menina daí de São Paulo e faz parte de um (...), tu que mora aí vou te enviar as fotos, aí enviei para ele, e ele parou um pouco e disse: -Nossa! E eu disse: -Opa! O que houve? ele disse é minha namorada. De milhares de pessoas na internet, e quase uma centena de pessoas naquele programa baixando de mim e eu baixando deles, justamente com essas duas peças universo colocou para me conhecer o xamanismo. E aquilo foi tão forte que eu peguei melhorei e disse a vou aí em São Paulo aí fui, lá era tudo jovem ainda esperaram no aeroporto nos encontramos lá, bateu assim, a vibração deles, o amor deles, e eu fiquei lá uns 15 dias lá, participando dos trabalhos xamânicos, foi realizador eu fazer o meu trabalho de

auto-conhecimento, e depois vim embora, aí nesse meio tempo eles faziam parte de uma linha lá onde se desligaram 45 institutos, se desligaram desta linha e, ficaram independentes, aí um dia o irmão que tem Instituto me perguntou: E, tu Petrim como é que tu estás? Estás no Daime? Como que tu está aí eu digo? Não, eu parei com o Daime, não consigo mais, aí nós nos desligamos da linha que nós seguíamos e estamos independentes, e como nós se conhecemos faz assim, tu não tem nada aí? tu pega e deposita o valor de um litro de ayahuasca que nós te enviamos para tu fazer um trabalhinho para ti sozinho, e assim que começou o (...), aí fiz um dois, três, trabalho sozinhos, e encontrei o Bem-te-vi-rajado, e começamos a fazer trabalho e sem nada pedir, e tudo que aconteceu, desde o início e aqui assim sem nunca pediram nada nem esperar nada e veio, veio, veio, épocas antes de vir para o (...) fazia rituais no sítio dos nossos amigos mas era complicado porque dia de chuva não dava para fazer, e foi no decorrer que o universo nos colocou aqui, trocamos a casa da cidade, aí que o (...) fez seus alicerces, cresceu, e todos vocês vem participar aqui eu sempre falo, sempre digo que com certeza vocês, o universo conspiraram para a gente tá aqui, se não muitos de vocês não chegariam até aqui.

E aí os rituais foram-se formando, tomando corpo estrutura e foi por si se formando trabalho que hoje é realizado aqui e as egrégoras de luz que conduzem o trabalho, eu apenas sou o guardião, sou guardião de quem vem aqui, assim como entrarem eu quero que saia, o guardião da sustentação do ritual, e o guardião desta Sagrada bebida, no meu entendimento não tem intermediário entre a pessoa e a sagrada medicina, se tem que receber uma coisa é direto, e é uma das coisas que eu mais preserva disso tudo que está acontecendo aqui, o máximo, o máximo, o máximo me neutralizar e deixar as egrégoras de luz e o universo conduzir. Porque de todas as caminhadas que eu tive não me adaptei a nenhuma fui tirando um pouquinho de cada uma que eu achava que era bom de ensinamento para mim e hoje em dia eu cheguei à conclusão que quanto mais simples for um trabalho espiritual mais chega a essência divina. E aí foi começamos a crescer e eu não tenho palavras para descrever o quanto eu sinto de realizado, feliz, surpreso, por tudo isso que está acontecendo das transformações. Sempre nos finais dos rituais nos agradecimentos daí eu consigo captar um pouquinho que acontece com cada um, mas depois desse teu trabalho deu mais amplitude, de quanto, quanto, quanto isso aqui transforma, os seres que vem aqui decoração aberto, se transforma vai vibrando, chega em casa com aquela transformação, aquela energia, vai vibrando,

vai melhorando os relacionamentos entre familiares, então eu só tenho gratidão pelo trabalho que tais fazendo, eu consegui chegar mais perto de tudo o que acontece aqui de tão, tão, tão amplo, que foge do alcance da gente de transformação dessa Sagrada bebida, todos, todos, que vem de coração aberto.

Sanã-Vermelha: Como a tua caminhada individual influenciou e influencia a estrutura do ritual e comportamentos dentro do grupo.

Petrim: No Santo Daime eu fiquei 2 anos não me adaptei a regras demais, rígidas demais, doutrina, e no meu entendimento a gente já tem doutrina dentro da gente. Doutrina do externo para dentro não são verdadeiras, a verdadeira doutrina que a essência da gente já tem que é de dentro para fora, e que causa toda essa harmonia nos nossos rituais, todos vem com respeito, abertura, com propósito, vem para o ritual chegam aqui, e somos todos conectados por essa essência de doutrina interior.

E o grupo foi se formando aos poucos, pessoas que tiveram aqui anos e não tiveram um propósito de se melhorar foram embora por si porque não se melhoraram. As vezes me dizem: - Ah, mas fulano não tá se melhorando... Pede para ele dar um tempo de participar... Eu digo não, quem vai ficar ou sair, que vai encaminhar são as egrégoras de luz, essas egrégora sabem mais que a gente, e assim foi o plano. O grupo que a gente tem aqui dentro e o xamanismo é reencontro, todos nós já nos encontramos em outras vidas, estamos nos tornando a reencontrar.

Eu no xamanismo antes eu participava de alguns rituais xamânicos, e às vezes me assombrava assim, mas as regras deles, fui participar de um ritual a noite toda sentado numa cadeira de plástico, em outros institutos que eu fui pra ti fazer uma limpeza e não era no balde, ele te dava um saquinho de plástico, eu perguntava: - Esse saquinho é pra colocar casca de fruta? E aí eles falaram é para ti fazer a tua limpeza e eu respeitava né... Mas isso não é o que o xamanismo, é mas entendo eles também porque eles aglomeraram outras linhas, católicas, Santo Daime, mas não aqui nós não separamos as energias masculina e feminina, e tudo flui com muito respeito, tranquilidade, muito amor incondicional, que torna esse nosso trabalho um trabalho de luz.

Sanã-Vermelha: Todo mundo comenta sobre a conversa com os novos no início no primeiro ritual.

Petrim: Ah é isso foi um ensinamento que eu tive, uma experiência que eu tive a primeira vez que eu consagrei no Santo Daime, eu fui sem saber nada como agir, como me conduzir, aí reuniram os novos e só falar o básico, como se fazia o Daime, que plantas eram, aí entrei a gente chama na força, expansão, e de repente me deparei com muito além do que eu já tinha vivido experienciado na vida, e fiquei sem saber assim como lidar.

Sanã-Vermelha: E eles não ofereceram ajuda?

Petrim: Sempre tinha o fiscal assim para te auxiliar se a gente cai, estender a mão com um papel para se limpar quando se faz limpeza, mas orientação eles não davam. E foi aí que surgiu, quando pegou o corpo mesmo (...), de os novos eu sempre reúno eles, dou uma orientada para eles se conduzirem, em como lidar com isso tudo, aí eu falo de mais ou menos quanto tempo leva para entrarem na expansão, como fazer limpeza, banheiro, entrega, o principal de tudo é a entrega, com essa Sagrada medicina, a entrega porque a gente não conduz a expansão, e se não se entregar passa todo tempo brigando consigo mesmo com seu ego, o ego não gosta que a gente saia da comodidade. Depois no final muitos no finalzinho de ritual muitos vem e me abraçam, e comentam: - Puxa! Que bom que tu deu aquela orientada para nós, foi um trabalho difícil, mas já foi bem melhor porque imagina, sentir essa expansão toda e não saber como lidar...

Sanã-Vermelha: Vou passar alguns tópicos que eu reuni que ficaram mais evidentes durante as rodas de conversa, e uma delas foi características do grupo comportamentos e eu vou comentar de forma resumida características, que são também fruto da tua caminhada em outras cerimônias e lugares. O pessoal comentou muito sobre abertura interpessoal que tenha entre os participantes que torna mais fácil compartilhamento de situações ou de problemas e esse tipo de abertura é o que também facilita esse vínculo que é o que dá essa ajuda essa abertura para as pessoas se mudarem se transformar em modificar histórias de vida delas

Petrim: Eu sinto que o que ocorre aqui com essas aberturas e trocas, é que é um trabalho entre aspas livre, e as pessoas vem, ficam à vontade, se sentem verdadeiras, ficam abertas, e todos nós somos um, vai conectando.

Se eu colocasse alguma regra, alguma coisa da minha cabeça, um olhar, uma imposição já caía tudo água abaixo. As pessoas têm que se sentir livres, para serem verdadeiras.

Sanã-Vermelha: Isso, e talvez as conexões que se formam não seriam tão na espontâneas, tão naturais...

Petrim: E isso eu sentia, sentia em outros rituais, que sempre tinha uma divisão ou algo assim que não deixava, inclusive até a pouco tempo soube de um grande irmão nosso, que passou um tempo com nós, e foi para o Paraná, aí foi num Instituto lá no Paraná, ai como nós somos verdadeiros, abertos, prezamos o máximo de amor incondicional, ele chegou lá abraçando todo mundo como nós se abraçamos aqui, e o dirigente chegou e falou: - Olha, tu não podes fazer isso, pois nem todo mundo aqui dentro é amigo aqui...

Sanã-Vermelha: Eu imagino que isso tenha acontecido...

Petrim: Ele chegou lá puro coração....

Petrim: Nós somos diferenciados, sem querer nós somos diferenciados, por ser tão verdadeiros nós somos diferenciados. Pessoas que vem aqui de outros estados, que estão passando por Pelotas, e sabem que tem aqui, que já frequentam em outros lugares vem aqui aí no final dá um abraço e diz assim: -Puxa, Petrim! Continua assim como tu é! Vocês são diferenciados, lá onde eu participo não encontrei tanto amor, tanta Liberdade quanto aqui.

Sanã-Vermelha: É uma construção daqui...

Petrim: E isso vem esse lado da construção bastante é a minha vibração, que sempre a minha vida toda eu quando criança muita coisa não entendia, e depois no decorrer do tempo fui entendendo tudo, que é o caminho do coração, o amor incondicional. E aí fui vibrando.

Sanã-Vermelha: Aí neste tópico acho que já entra a questão do acolhimento, amistosidade, frequência de abraço, sorriso, palavras de agradecimento, aí isso na pessoa impacta na maneira como ela enxerga, de que maneira ela está tratando os familiares e amigos...

Petrim: Sim, cai os véus, as coisas verdadeiras, hoje em dia na cidade estão muito distorcidos valores e quando encontra um grupo de pessoas vivendo o máximo de ser verdadeiro, de ter um amor incondicional, e sem julgamentos. Aqui não se julga.

Sanã-Vermelha: Outro ponto que encontrou também foi a questão do ambiente, de ser muito familiar, e de não julgamentos que é outra coisa que facilita pra abertura da pessoa.

Petrim: Fora não ter isso de doutrinas rígidas, regras, tem esse lado também, da pessoa vir e não ter julgamento. Isso é o que eu prezo muito no grupo, muito mesmo no grupo, para não ter julgamento de um irmão. Todos nós que viemos aqui e eu também, antes, tirei muita casca de mim, então, como eu vou julgar alguém, se há tempos atrás eu também vivi dentro de um sistema de julgamento. E eles vêm com as castas e os véus e vão tendo mais clareza na convivência nossa aqui.

Sanã-Vermelha: Outra coisa que apareceu é a parte de que quando a pessoa entra no grupo, todo mundo ao mesmo tempo deseja que aquela pessoa, além de não julgar, fique bem, que melhore, enfim, se importa com o desenvolvimento daquela pessoa...

Petrim: Irmandade né, irmandade sem vínculo religioso, a verdadeira irmandade que todos nós somos. Eu acredito muito que todos nós somos irmãos, tanto aquele reciclador de lixo, quanto aquele doutorado lá em cima, isso tudo é só título, e cascas, no fundo na essência divina todos nós somos irmãos, e as vezes para mim na minha caminhada eu admiro muito um reciclador de lixo, que tá ali no fio da navalha, no fundo do fundo do poço, tudo para cair para o lado do errado, e ele não ali humildemente, desnutrido, continua trilhando o caminho dele para ter o pão de cada dia com dignidade. São coisas divinas da vida.

Sanã-Vermelha: Isso é uma coisa aqui dentro muito forte, tu enxergar o outro como ser humano, parece algo simples, mas lá fora isso não acontece... Desperta na questão de ter uma relação mais humana com as pessoas, e não pautado pelas máscaras...

Petrim: No meu entendimento, quem mostra isso tudo e faz essa união é essa Sagrada bebida, reconecta, e há milhares de anos nós viemos mais verdadeiros e esse mundo novo aí faz tudo para tirar o da gente, e ela vem e aí (gesto de estralar os dedos).

Sanã-Vermelha: é mas se for pensar vai ter esses outros lugares que tem essa medicina não tem isso que tem aqui.

Petrim: Mas devido não terem a liberdade. Elas não conseguem entrar na essência delas, qualquer coisinha que se deixem ir durante a expansão trava tudo.

Sanã-Vermelha: Questão da simplicidade, também aqui ganham muito valor, que foi muito comentado, então desde a questão do pão caseiro, toque, abraço, carinho, colo, chamar para coisas coletivas, como colocar água no balde do banheiro, tirar as limpezas, aumentar o galpão...

Petrim: Essa parte eu posso dizer assim, que eu consegui colocar dentro do ritual, a partir da minha vivência, um sorriso, um abraço, um ajudar, um estender a mão, isso no decorrer da minha vida eu venho trabalhando cada vez mais me abrindo para isso, dentro e fora de lugares da medicina, pra somar aqui dentro, e mostra pra muito jovem que vem aqui não por culpa deles, mas pelo sistema, que os familiares deles virem há séculos com o mesmo dogma, mesma coisa...

E eu sempre falo muito em alguns inícios ou finais de rituais, eu gosto de ler, mas não leio muito, e quando eu falo nos meus agradecimentos, eu sempre falo da minha experiência, do que eu vivi, porque acho que o exemplo ensina muito mais do que eu pegar algum livro.

Sanã-Vermelha: Depois tem uma parte do desenvolvimento pessoal, que saiu bastante, auto exame, auto observação, a pessoa consegue se observar melhor, aceitar e integrar muitos fatos e situações, se expressam melhor.

Petrim: Pra mim, no meu entendimento assim, é duas coisas que se chega a isso, é a abertura dessa sagrada bebida e encontrar do lado, notar que tá se observando se analisando a si próprio, isso ajuda aquele que está nessa procura que vem e participa com nós aqui.

Sanã-Vermelha: você quer dizer um exemplo de outro participante?

Petrim: É, que já foram se melhorando

Sanã-Vermelha: Talvez na hora dos agradecimentos escutar aquilo que os outros estão falando.

Petrim: Exato, isso é muito importante. Nem tinha amplitude de quanto isso é grande para melhora e o autoconhecimento de cada um que vem aqui.

Sanã-Vermelha: E age em tudo né, porque aí muitos escutam aquela pessoa, e já se sentem mais a vontade de falar, porque já se identificou com aquilo que o outro ta dizendo. Muitos vêm no outro a questão mesmo de estar no firme no trabalho, de olhar aquela pessoa que está tranquila e também se tranquilizar.

Petrim: É que a gente aqui tem muito amor incondicional, se tem uma pessoa que vem a primeira vez e está passando mal, auxilia o máximo que pode, entende também que é processo que a pessoa tem que tem que passar por aquilo ali para se melhorar, mas se preocupa, porque aqui é muito amor incondicional, e quando se tem amor incondicional como não se preocupar com o irmão do lado.

Sanã-Vermelha: Outra questão foi o desenvolvimento de maneiras próprias de lidar, estratégias espirituais para lidar com o dia a dia, por exemplo usa rapé ou faz oração, ou constrói um altar... Coisas que não fazia antes.

Petrim: No meu entendimento a ayahuasca nos abre para o sagrado, a prece é uma coisa Sagrada, não precisa tá dentro de uma igreja, de uma religião para fazer, o rapé ele também é uma medicina da floresta também, que é muito sagrada, usando com respeito nos conecta com a espiritualidade, com a clareza, com o sagrado, com o entendimento, são medicinas milenares que graças a Deus hoje está chegando aí a nós.

Sanã-Vermelha: Pessoas também relataram que após participarem aqui, procuram mais coisas relacionadas a espiritualidade, muitos também começaram a procurar outras linhas espirituais, outras terapias, reiki...

Petrim: O que eu vejo assim é que é uma por essa abertura toda, por se sentir bem dentro do grupo, outros relataram que fizeram mudanças nesse sentido, por a medicina também. E também está tendo muita abertura no planeta pra transformação. E essas três coisas juntos que levam a isso tudo: as medicinas, a convivência com o grupo, e essa abertura do planeta que está tendo para espiritualidade.

Sanã-Vermelha: Outra parte que muitos trouxeram foi depois que entraram no grupo ou afirmou e/ou ampliou a questão de que muitos já não se identificavam mais com os valores pregados pela sociedade moderna, consumo, competitividade, individualismo. E aí chegou aqui, é só aflorou ou mais essa outra busca, da coletividade, questão ecológica, sustentável, compra de produtos artesanais. Questões dos mutirões, pessoal começa a se conectar mais em fazer algo pelo grupo que vai resultar em algo pro coletivo. Acredito que até pelo que se compartilha lá no grupo do Facebook abre para as pessoas estudar em outros assuntos ler em coisas diferentes estudar em coisas diferentes.

Petrim: É nesse sistema que para mim já está falho o sistema nos bloqueia para ter essa coletividade, essa comunhão de convivência, de consciência, que a gente é muito muito tempo atrás a sociedade era mais humana mais consciente e aqui um vai acolhendo e apoiando para ter mais força pra ter essa consciência toda de coletividade, de ecológico.

Sanã-Vermelha: E também vai vendo o retorno disso, porque por exemplo o grupo vai aproveitar o aumento do galpão, que vai ter água nos balde do banheiro a hora que alguém precisa ir...

Petrim: É o despertar de consciência, de coletividade, de tribo.

Sanã-Vermelha: Como que enxerga a questão da frequência do pessoal nos rituais?

Petrim: Isso meio que eu vejo assim, que cada um tem seu tempo, uns precisam vir bastante, outros menos, outros não precisam vir, outros não vem porque não se encontraram, só vem uma vez, não é o que eles achavam que era... Muitos às vezes vem por curiosidade, às vezes quando ainda era lá no centro, e pra participar de um ritual tinha que conversar comigo, e eu estava trabalhando no centro, vinha alguns jovens que ficavam sabendo e perguntava a eu quero saber desse chá, e aí conversava comigo antes, olho no olho, e eu perguntava porque que ele queria ir e eles respondiam é porque eu queria ver como é que era o barato desse cházinho. Então tem que se melhora porque aquilo lá é muito profundo, é de autoconhecimento, para depois voltar e chegar a participar.

E muitas vem seguido por quê vem se nutrir para encarar tudo lá fora, aí vem seguidamente, mas nada obrigado, eles mesmos que se sente bem, e uma visão que no contexto todo está bem normal assim.

A medicina mostra aquilo que é para ser mostrado e aquilo que tem que ser para cada um. E também, uma coisa que é importante, e que não adianta, que eu sempre falo, em praticamente todos os rituais que é aberto, que não adianta toda experiência clareza, entendimento que se teve na noite do ritual ficar só aqui dentro, tem que levar para vida lá fora tem que agir. Até falar nisso, tava conversando aqui no finalzinho, que depois que eu consegui ter o entendimento e alinhar a minha vida mudou um monte. Ter o pensamento verdadeiro, fala a verdadeira, e viver e agir verdadeiramente, e alinha, a gente se torna mais leve, tudo flui, aí aflora a essência Divina da gente, que todos nós somos.

Sanã-Vermelha: Isso também no grupo se trabalha muito também, a questão da auto percepção, a pessoa perceber se aquilo é pra ela, se é pra ela ou não, se tá

na hora dela ir ou não, e tu acha que é um desencantamento com a Ayahuasca, ou ela percebe que é hora dela fazer outra coisa

Petrim: Isso é relativo, porque aquele que não tiver aberto...

Sanã-Vermelha: Mas no caso da pessoa que já participou bastante?

Petrim: No caso da pessoa que já participou bastante não é desencantamento, é que ela viu que era aquele tempo que ela tinha que se lapidar, e depois daquele tempo seguir a vida de tudo que ela teve de auto aprendizado e autoconhecimento. E aí seguir a vida por quê ayahuasca também não pode ser bengala.

(...)

Petrim: Até vou te dar um parecer meu assim, as vezes, eu vejo que muitos nem precisava vim todos os rituais, às vezes eu vejo, mas não interfiro. Porquê é escolha deles né, mas eu vejo que não é necessário eles vir todos.

Sanã-Vermelha: Mas muito as vezes vem por ser um momento de encontro, de reunião.

Petrim: para se nutrir como eu falei.

Sanã-Vermelha: Para se reunir com a família...

Sanã-Vermelha: Petrim alguma vez você já pensou em não comungar? ou pensa sempre comungar todos os trabalhos?

Petrim: Eu já tentei fazer isso de não comungar, mas ai de um tempo pra cá eu só tomo um pouco, nos rituais abertos, menos quantidade que todo mundo, e tentei uma vez ou duas não comungar mas aí eu não consegui interagir, sentir o ritual, me perguntava, será que tão na força, será que tão em expansão, ai achei uma forma, de ser bem pouquinho, metade da metade e às vezes a conexão é tão forte com a irmandade, de união, que às vezes eu tomo a metade da metade eu já entro na força.

Sanã-Vermelha: Outra questão levantada foi quem chega tem uma ideia de saúde e isso se transforma pois amplia pra saúde emocional, saúde social e relaciona as doenças do corpo físico com a parte espiritual.

Petrim: Pra mim no meu entendimento assim, toda doença no corpo físico é algo que a gente não se melhorou, não procurou uma espiritualidade, vai acarretando, junto com a raiva, com ódio, com a mágoa, isso tudo vai somando e tem que estourar né. E a ayahuasca também mostra, a pessoa consegue ver na frente dela o quanto que elas tão fazendo mal para elas não cuidando do lado espiritual, do físico também, muita bebida, droga, remédio também. E a ayahuasca é comprovadamente um remédio também, remédio natural, na cura de depressões, vários relatos, já teve aqui, de vícios também.

Sanã-Vermelha: Também tem a transformação da parte espiritual.

Petrim: Muitos vêm céticos, Porque vão nas religiões tradicionais, e vão à procura de uma espiritualidade mas ai não chegam, não sentem. E a ayahuasca abre, conecta a gente com espiritualidade, e a gente se reencontra com tudo o que é sagrado.

Sanã-Vermelha: É como se ela fosse uma chavezinha que vai abrir a porta, e nós é que fizemos a caminhada.

Petrim: Ela é tão sábia, que ela te mostra tudo, tudo, tudo, e deixa o teu livre arbítrio, ai é tua escolha, aí ela te leva até a porta, abre e olha a partir de agora é tua escolha.

Sanã-Vermelha: A partir desse material agora, vou fazer um compilado com todas informações, as rodas e a entrevista.

Petrim: Poxa que trabalho bem profundo tu fez, olha não estou atirando confete, não sou desse tipo, mas dos que fizeram de trabalho aqui, bem profundo...

Sanã-Vermelha: Esse aprofundou né?

Petrim: Bom, bom.

Sanã-Vermelha: E eu nem achei que ia sair dessa forma, a gente pensou a maneira de realizar, mas não achei que ia sair assim, essas coisas que saíram... Transformação da saúde, a questão espiritual, o social, desenvolvimento pessoal, modificou em tudo, ai pensei um título nunca coube tão bem, saúde integral, integral com tudo né, fiquei bem contente, tem bastante coisa pra fazer ainda. Te agradecer né Petrim.

Petrim: Eu que agradeço. Que presente essa medicina te deu ein, nunca tu imagina... Fazer um TCC ai corriqueiro que já é batido né...

Sanã-Vermelha: Sim...

Fim da transcrição da entrevista.